



Um romance de
CARMEM APARECIDA GOMES

AMO
ETERNAMENTE
UMA ÚNICA
VEZ





CARMEM APARECIDA GOMES

AMO
ETERNAMENTE
UMA ÚNICA
VEZ



Copyright© 2018 — Todos os direitos reservados a: Drago Editorial

Amo Eternamente Uma Única Vez

Autora: Carmem Aparecida Gomes

Revisão: Patrícia Drago

Capa e diagramação: Denis Lenzi

Editores Responsáveis: Gustavo Drago & Patrícia Drago

Dados de Catalogação

Gomes, Carmem Aparecida

Amo Eternamente Uma Única Vez/ Carmem Aparecida Gomes

1ª edição - Rio de Janeiro, RJ - Drago Editorial, 2018.

ISBN: 978-85-9596-061-9

1 - Romance, 2 - Literatura Brasileira



www.dragoeditorial.com

Drago Editorial LTDA

contatos@dragoeditorial.com

Este livro é uma obra de ficção. Nomes e acontecimentos são frutos da imaginação do autor ou usados de modo ficcional. Ou seja: qualquer semelhança dos personagens com pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito da editora.

Esta é uma obra de ficção juvenil e adulta. Os nomes e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.



*Dedico para meu amigo A. Warya e todos os amigos e
amigas do exterior.*



*Agradeço a todos da minha família,
em especial a minha mãe, Maria Iolanda Gomes,
pelas suas orações e apoio.*



Índice

FAZ AMOR COMIGO	12
CAPÍTULO I - <i>Sombras</i>	15
CAPÍTULO II - <i>Mensagens Eróticas</i>	21
CAPÍTULO III - <i>Prazer Virtual</i>	37
CAPÍTULO IV - <i>Doce Loucura</i>	49
CAPÍTULO V - <i>Sol E Lua</i>	65
CAPÍTULO VI - <i>Viciada</i>	75
CAPÍTULO VII - <i>Paixão X Amor</i>	85
CAPÍTULO VIII - <i>Degraus</i>	91
CAPÍTULO IX - <i>Ciumes Do Sol</i>	103
CAPÍTULO X - <i>Pecadora</i>	109
CAPÍTULO XI - <i>Loba Selvagem</i>	113
CAPÍTULO XII - <i>Fúria Dos Deuses</i>	121

Faz Amor Comigo

Teu sorriso iluminado
Fez revolução em mim
E por tudo que é sagrado
Nunca imaginei querer alguém assim
Feito água cristalina
Rio procurando o mar
O desejo me alucina
Faço qualquer coisa pra você ficar
Faz amor comigo, faz amor comigo
Me tira desta solidão
Vem matar minha saudade
Faz essa vontade
Do meu coração
Faz amor comigo, faz amor comigo
Me tira desta solidão
Vem matar minha saudade
Faz essa vontade
Do meu coração

Do teu jeito apaixonado
Os teus olhos cor de mel
O perfume do pecado
Que me faz sonhar
Chegar até ao céu
Teu abraço é meu sossego
O teu corpo é meu calor
Teu carinho é meu chamego
A felicidade tem o teu sabor
Faz amor comigo, faz amor comigo
Me tira desta solidão
Vem matar minha saudade
Faz dessa vontade
Do meu coração
Faz amor comigo, faz amor comigo
Me tira desta solidão
Vem matar minha saudade
Faz dessa vontade
Do meu coração

ROBERTA MIRANDA





CAPÍTULO I

Sombras

Carla, nome de uma mulher madura, bem-sucedida, com muito estudo e infeliz no amor.

Às vezes, penso eu com a minha solidão, que o meu castigo como ser humano é cruel demais. Meus namoradinhos de adolescência morreram ainda jovens, mortes impiedosas e sem explicação, só diferencia no mudus operandis do destino que causou os acidentes que colocaram fim nas imaturas vidas de cada um.

No meio de tantas decepções e tristezas, resolvi ainda muito jovem me casar e logo estava vivenciando as amarguras de uma união sem amor, sem respeito e com muita infidelidade.

De um ponto de vista mais severo, eu não tive marido, nem na cama e nem como amigo e companheiro; não sei qual defeito dele foi pior enquanto eu insisti numa relação falida

desde o início. Sentada aqui nesse banco de praça, sozinha, eu e meus fantasmas negros recolhidos e sem vidas na sombra de vinte e cinco anos de um casamento que foi um desastre. Fico horas me olhando no espelho a procura de defeitos, se os tenho, estão internos.

— Espelho, espelho meu, será que eu sou assim tão feia? Pensei: “O quão sou ridícula, a que ponto eu cheguei”. E não é que o espelho respondeu?!

— Não é feia, é muito bonita, só está desiludida e na solidão. Coloca uma roupa sensual e sai para a noite. Pega um garotão e pratica muito sexo com ele. O seu remédio chama-se sexo sem compromisso.

Outra vez pensei: “Sou muito ridícula e doente; pergunto para o espelho coisas da minha triste vida e eu mesma respondo”.

— Olha aqui, seu espelho, é claro que se quisesse, eu conseguiria pegar garotões que só estão a fim de sexo. Eu os vejo me comendo com os olhos.

O espelho se zangou e respondeu:

— E o que faz que ainda não tirou proveito dos olhos dos garotões lhe comendo e os comeu também?

Pensei: “Será que isso é falta de sexo?”

O que está acontecendo comigo?

Só de calcinha na frente do espelho, fazendo perguntas e respondendo como se fosse o espelho.

— Alô, Skarlete. Amiga, eu não estou bem.

— Você está sentindo mal? O que foi, Carla? Já sei, comeu demais... Já estou indo. Vou te levar no Pronto-Socorro.

Calma, amiga! Isso acontece... — Skarlete também não entendeu. É mais sério, muito mais sério que uma indigestão alimentar.

— Não, Skarlete, é uma indigestão, sim, mas é da vida...

— Não suportei e comecei a chorar no celular.

— Calma, já estou chegando, amiga...

Assim que Skarlete chegou, eu a imaginei dentro do espelho me dando conselhos.

— Você é muito bonita. Qual é Carla? Não é porque o tonto de seu ex-marido não te notou que você vai ficar aí a vida toda no celibato. Linda! Vista-se e vamos dar uma volta.

— Não... Não quero sair... — Skarlete tinha razão, daí admiti, vinte e cinco anos ao lado de uma pessoa que nunca teceu um elogio.

Alguns minutos depois, eu estava vestindo um minivestido preto, daqueles que você puxa para baixo e os seios aparecem, puxa para cima e corre o risco da calcinha aparecer.

— Isso! Linda! Vamos e hoje você vai passar a melhor noite de amor de sua vida. Vou te apresentar um garotão de vinte e poucos anos. — Skarlete saiu me arrastando.

Não demorou muito e lá estavam dois garotões. Skarlete já estava acostumada a paquerar garotos mais jovens que ela. Até que não parecia tão ruim, fisicamente o garoto era lindo. Mas os assuntos...? Skarlete fingia gostar e praticar surf, skate e até paraquedismo.

— Cruza e descruza as pernas, estilo Sharon Stone. Eles ficam loucos — Skarlete fala baixinho, puxando o meu vestido para cima.

— Amiga, isso é muito novo pra mim e daqui a pouco você vai me pedir para tirar a calcinha — resmunguei puxando o vestido pra baixo para tentar cobrir as pernas.

— Não é má ideia, mas deixa para ele tirar a sua calcinha no seu apartamento. Amiga tem uns que tiram com os dentes. Uii!!!

Skarlete também se separou há tempos e parece resgatar a sua autoestima como mulher nos braços dos garotos mais jovens.

Depois de um copo de uma bebida doce e forte, até esqueci do meu minivestido e estava decidida a deixar o garoto bonito por fora e vazio por dentro me levar em casa. Ao que parece, estou numa maré de azar, os dois garotos falavam mais com Skarlete e me dirigiam raras palavras.

A pergunta que mais aproximou do mundo terrestre que a minha “presa” me dirigiu foi: “Você gosta de skate? Vamos até o meu quarto para você conhecer o meu. É irado”.

Skarlete fingia entender e gostar de tudo do mundo dos garotos e afirmava que eles faziam-na feliz e a levava para as nuvens.

Não sei... talvez eu também me transforme numa “papa anjo” para ser feliz e ter minha autoestima nas alturas, mas hoje, ao que parece, só Skarlete está gostando do papo.

Skarlete me chamou até o banheiro para retocar a maquiagem e lá, se zangou me dando conselhos de como atacar um “anjo”.

— Amiga, sério... Você não é virgem e nem é freira. Eles não mordem, só querem uma noite de sexo e pronto. E é o

que você está precisando. Passa a mão nos lábios dele, fale que tem algo no canto da sua boca, aproxima, coloca a mão, sem querer querendo, um pouco acima das coxas dele e coloca a mão, sem querer, bem em cima do... Carla, você sabe. Essa linguagem dos sinais eles entendem.

— Skarlete, hoje é a minha primeira vez desde que... — falei desanimada.

— Por isso mesmo! Depois de vinte e cinco anos de sexo mal feito e por obrigação, uma noite de sexo bem feito e sem compromisso ressuscita a alma de qualquer mulher.

“Passa mais batom vermelho, isso. O seu garoto está com o volume do lado esquerdo da calça. Põe a mão lá... Funciona como convite. Logo, ele corresponde pondo a mão próximo de seus seios, por exemplo, no seu colar. Alguns chegam a dizer que tem algo no canto de sua boca e limpa com um beijo. Um beijo quente, daqueles que te deixa tonta e sem ar”.

Logo que voltamos do banheiro, Skarlete e o seu garoto saíram; é claro, foram para o quarto praticar sexo sem compromisso.

Meu garoto e eu estávamos saindo, e ele foi me dar um “agarra”, as alças do meu minivestido arrebentaram, meus seios quase ficaram à mostra no meio da rua, eu quase caí e ainda quebrei o salto do sapato. Um desastre! De salto quebrado segurando o vestido, sozinha, tarde da noite procurando um táxi.

O garoto fugiu como uma criança que faz algo de errado e não quer ser punido por isso. Tomei um táxi e a única coisa que aproximou de uma noite quente de sexo foi um taxista

gordinho com cheiro forte de cigarros e de quem não ousa tomar banho, olhando as minhas pernas e os meus seios quase à mostra. Foi a corrida de táxi mais longa de toda a minha vida.

Já amanhecendo, Skarlete no celular querendo saber como tinha sido a minha noite. Só para variar...

— Não estou te ouvindo, a ligação está péssima... E a minha noite ainda não terminou. — E ainda fiz gemidos de prazer com o celular afastado da boca e logo desliguei.

Não quero preocupar a minha amiga Skarlete. Mas a minha noite só serviu para me deixar mais ainda pra baixo.

Assim que amanhecer, vou ter que procurar conserto para o salto do sapato e para o vestido, e seria bom se encontrasse uma oficina que consertasse também a minha triste e monótona vida.



CAPÍTULO II

Mensagens Eróticas

Como gostaria de ser igual à Skarlete. Sair, ganhar garotos, ter belas e ardentes noites de prazer. Deve ser esse o motivo do seu brilho, da sua beleza de mulher madura e de sua autoestima.

— Acorda, Carla! Um sorvete pelos seus pensamentos. Ahhhh... Já sei! Estava lembrando da noite que passou com aquele garotão... Pelo o que ouvi no celular, a cama estava em chamas.

— Skarlete, você não sabe como eu te invejo. Minha amiga pegadora de garotões — respondi para disfarçar.

— Vamos agora, no horário de almoço, dar uma passadinha naquela lanchonete e sorveteria. Lá é o point dos mais sarados garotões. Naquela quadra há uma academia.

— Amiga, até aceito ir à sorveteria, mas hoje, confesso que não estou atualizada quanto aos novos modelos de skates e motos — respondi sem muito entusiasmo.

— O que é isso? Vamos já comprar para você umas revistas sobre skates, surfs, motos... Serão seus livros de cabeceira — Skarlete falou me puxando pela mão.

— Vamos, no caminho me conte detalhes da noite com o... com o... Não nos importa o nome, com aquele gostosão com rostinho de neném.

— Skarlete, daqui a pouco vão nos chamar de taradas, safadas e outros nomes mais feios.

— Carla, preste atenção nessas palavras, é melhor para o nosso ego do que sermos chamadas de vagabundas, lesas, gastadeiras, imbecis e sermos ignoradas pelos maridos todas às vezes que nos vestimos e nos produzimos para eles. Não estamos fazendo mal nenhum para os garotões, muito ao contrário. Estamos dando aulas grátis de como fazer um bom sexo — Skarlete falou passando a mão nos seios e levantando-os.

— Tá bom... Mas não fala essas coisas para os outros ouvirem, ok? — falei olhando para os lados no estacionamento.

— Espere! Vem aqui! Passe um pouco de batom vermelho — Skarlete falou levantando a minha saia e olhando por baixo.

— Ei, o que é isso? — me assustei.

— Estou checando. O modelo é meio grande, tecido muito grosso...

“Vamos passar na loja onde compro as minhas roupas íntimas. É outra lição para anotar no seu caderno de quaren-

tona sex. Calcinhas e sutiãs são só de “faz de conta”, é faz de conta que cobre. São de rendas, lacinhos ou transparentes. Os garotos adoram. Ficam loucos. E levante um pouco o cós dessa saia. Não estamos no horário de trabalho.”

— Skarlete! Não vou andar por aí me mostrando.

— Não é se mostrando, querida, É quase se mostrando. O que há de errado com você? Sinta-se mulher, fêmea, feminina e sensual. É isso que somos. Deixe os seios saltarem para fora da blusa. E daí se olharem? E eles são assim mesmo atrevidos e voluptuosos... Cruze as pernas mostrando quase a calcinha, e daí? Ops... ela apareceu...

— Skarlete, eu sinto vergonha...

— Vergonha você tem de ter do seu passado infeliz e dessa calcinha horrorosa que parece que você tomou emprestada da minha vozinha, que Deus a tenha num bom lugar.

“Vamos! Venha, sorria e cumprimente todos como se já conhecesse de velhas datas. Dê um sorriso de “Monalisa” para todos, esse é infalível, é quase um ‘quero te dar’”

— Você é demais... Só rindo... Skarlete, você é muito engraçada.

— Não sou só engraçada, eu estou viva e as rugas e pelancas ainda não me atacaram e assim, eu ataco garotões.

Skarlete fala entrando com Carla numa lanchonete e sorveteria super alto astral, com gente bonita e jovem por todo lado.

Sentaram-se, e logo Skarlete começou a dar o seu sorriso de “Monalisa” e tchau para todos.

Logo apareceram garotões dando beijos na face, pegando números de redes sociais para contato e lá estava eu, como que catando as sobras das paqueras de Skarlete.

Um garoto vestindo uma “quase camiseta” me pediu o número para mensagens e foi aí que até dei razão para as loucuras de Skarlete. Eu não tenho rede social.

— É... eu pego o seu numero com a Skarlete. Imagine, eu esqueci o meu celular no trabalho — falei para disfarçar, mas naquele momento na sorveteria, eu me senti saindo de um sarcófago.

O garoto se foi depois de dar beijos na minha face, acertando propositalmente um nos meus lábios e logo Skarlete enfiou a mão na minha bolsa, pegou meu celular e começou a instalar todas as redes sociais e adicionar seus amigos e garotões.

— Carla, amiga, não pode ficar enterrada viva, nenhum ser humano vivo sobrevive hoje sem rede social.

— Tá, Skarlete...

— Fale com todos, dê “olá” e quem sabe não rola papinhos quentes.

— Papinhos quentes? — perguntei meio alheia ao raciocínio de Skarlete.

— É, paqueras, namoros online — Skarlete respondeu passando a língua na bola de sorvete.

— Credo! O que é isso? O que está fazendo? Filme pornô? — perguntei, zangada com Skarlete.

— Não, amiga, mostrando para o garoto da mesa ao lado que eu sou quente, bonita e que eu quero passar a língua na

verdade nele e não no sorvete. E vamos! Comece os seus bate-papos, ao invés de me criticar. Olhe aqui os perfis. Nossa, é cada gato de raça. — Enquanto Skarlete lambia seu sorvete, comecei a conhecer meus novos amigos online.

Skarlete quase não tinha amigas, mas amigos, ela tinha de todas as partes do mundo.

Voltamos para o trabalho, no final do expediente passamos na loja de roupas íntimas; o nome da loja tinha tudo a ver com Skarlete, “Modas e Mordidas”, com o desenho de uma boca masculina mordendo uma maçã.

Não tive argumentos para dizer “não” para os modelos escolhidos por Skarlete. Ela tinha razão, nunca tinha visto roupas íntimas tão lindas e sex. O tipo de roupa íntima que valoriza a mulher por fora e por dentro.

— Não vou provar aqui, vou provar em casa — falei baixo para Skarlete que me empurrava para o provador.

— Tá bom... Mas seria completo se você arranjasse hoje um garotão para ajudar você a experimentar todas as peças... Uiiiiii... Aiii... me arrepio toda só de pensar.

— Skarlete! A vendedora tá olhando...

— Ela é mulher e sabe do que estou falando.

Chegando à porta do prédio onde moro, Skarlete parou o carro e disse:

— Aí não tem nenhum segurança forte daqueles que a gente só vê nos filmes? Aqueles que ficam olhando as câmeras de vigilância? Todas as vezes que for sair e tiver sozinha no elevador, vire-se para o espelho, levanta a saia e dá uma

arrumada na calcinha. Garanto que nunca mais vai ter que carregar as compras sozinha.

— Tchau! Tchau, Skarlete! Por hoje chega! — Carla se despediu com muitas sacolas de compras nas mãos.

Tomei banho e fui provar as roupas íntimas, aceitei que Skarlete tinha razão e muito bom gosto. São belíssimas. Estou me sentindo feminina e bonita.

“Pena que não tenho ninguém para admirá-las”, pensei e logo lembrei de olhar as redes sociais.

— Humm... já tenho pessoas querendo falar comigo. Fui deixando respostas e assim cheguei num rapaz que me chamou a atenção.

— Que gracinha... O nome é Rarslan e mora no Paquistão... Vou deixar um “oi” no messenger.

Moreno claro, cabelos negros, curtos, olhos negros, lindo!

— Oi... oi, fala comigo. Você está aí? — Ele está online.

— Oi... Meu nome é Carla...

— Oi, sou do Paquistão, me chamo Rarslan...

— Nome bonito. Qual a sua idade?

— Tenho vinte e cinco e estudo desenvolvimento de Software. E você, bebê linda?

— Sou escritora e jornalista, trabalho numa revista, sou brasileira e tenho quarenta e dois anos.

— Você é casada?

— Não... sou separada...

— Hummm... Eu sou solteiro ainda.

— Faz sentido, é muito jovem.

— Eu amo falar com brasileiras. São muito bonitas.

— Já veio ao Brasil?

— Ainda não fui ao Brasil, mas me convida e eu vou agora mesmo.

— Depois nos falamos mais. Já é tarde aqui no Brasil. Abraços!

— Tá bom, bebê linda. Muitos beijos!

Ele enviou figurinhas de coraçãozinhos... É o que se aproximou de carinho masculino desde que me separei.

Meu Deus, por que tanta felicidade por ter falado com um rapaz pelo messenger? Ele mora do outro lado do globo terrestre.

Só pode ser carência feminina... Ou não... Que seja! De longe ele me tratou como fêmea, me chamou de linda...

É... Acho que os novos modelos de roupas íntimas sugeridos por Skarlete me deram sorte. Apaguei as luzes e adormeci com sorrisos nos lábios e coração.

Ai meu Deus, acho que acordei com cara de adolescente boba. É melhor disfarçar...

— Que cara é essa? Viu pássaros na janela? Dormiu com um garotão? — Skarlete perguntando, não consegui disfarçar.

— Não posso amanhecer de bem com a vida? Os novos modelos de roupas íntimas me deram uma levatada no astral — respondi passando a mão nos cabelos.

— Hummm... Não sei não... Se está de roupas íntimas novas e bonitas, qual o motivo da blusa abotoada até o pescoço? Solte os seios, garota! — Skarlete falou já saindo, de longe completou:

— No nosso horário de almoço vamos comprar produtos de maquiagens. Vermelho fogo, vermelho paixão, vermelho excitação, essas serão as suas cores de batons de hoje e sempre. — Skarlete jogou beijo e foi para a sua mesa.

Como sempre, no horário do almoço, Skarlete na loja de batons me fez sorrir com tantas bobagens, as quais ela chamou de “aulas de sensualidade”.

À noite, eu, na minha solidão, ouvi quando o celular fez barulho, olhei e lá estava o gato paquistanês.

— Oi... Você está aí?

— Oi... sim, estou aqui.

— Hoje, aqui no meu país está frio. E aí no Brasil?

— Aqui, hoje, fez 37 graus, muito quente...

— Hummm... bom... Você dorme nua, bebê linda?

Coloquei a mão na boca como uma adolescente surpresa com a pergunta e ao mesmo tempo gostando. Acho que as safadezas de Skarlete são transmissíveis.

— Durmo de calcinha e camiseta...

— Bebê, manda uma foto de como você está agora.

“Meu Deus! E agora?”, pensei...

Joguei os cabelos para o lado, me sentei na cama, tirei a foto e enviei. Junto da foto, escrevi:

— Manda também uma foto sua, neném.

— Aiii... você é uma bebê muita linda!

Em seguida a foto dele chegou...

Céus! Fazia muitos anos que não sentia o que estou sentindo agora... Uma confusão mental... Sei lá... Que sensação estranha, eu o chamei de neném e trocamos fotos...

Uau!!! Ele é muito lindo!

— Que horas são aí no Brasil, linda?

— Aqui é início da noite... Me esqueci até que existia relógios.

— Aqui no Paquistão, amanhecendo o dia...

Por azar, a internet começou a falhar. Mas já está mesmo na hora de encerrar o bate-papo com esse “neném” moreno, lábios carnudos, cabelos negros e pele de bumbum de bebê.

— A internet aqui hoje está péssima. Beijos!

Nossa, ele me enviou carinha com coraçãozinho na boca... Acho que significa que está me mandando beijos.

Aquela barba por fazer... Hummm...

Que boba que sou. Ele está do outro lado do planeta e eu agora percebi que tem um travesseiro vazio do meu lado.

Skarlete tem razão mais uma vez... Tenho que procurar carinho nos braços de alguém, nem que seja por uma noite... Estou ficando louca.

Abracei o travesseiro e dormi.

Infelizmente, às vezes, é péssimo não ter mais dezessete anos.

Final de semana. Vamos Skarlete e eu, poderosas, lindas para uma choperia. Ela me produziu e disse: — Vamos caçar gatos! Hoje, a noite promete!

Como sempre, ela achou sua “presa” e foi embora me deixando com um garoto. Papo bom, estava tentando parecer maduro, estudante de Direito, mas quando chegamos na porta do meu apartamento, percebi que não era o que eu queria. Já era

tarde da noite e aí pensei: “Será que o gato do Paquistão já acordou? Será que está com alguém?”

— Tudo bem? — O garoto perguntou.

— Tudo... É que estou com um pouco de... de...

— Dor de cabeça. Típico de mulheres que não querem transar — O garoto completou já virando as costas e saindo.

— Não, é que... Tchau...

Que mancada! Não pagou nem as bolhas nos dedos. Esses sapatos me mataram a noite toda pra nada. Entrei, peguei o telefone e fui direto para o messenger.

— Oi...

Quando estava para desistir, ele apareceu.

— Oi...

— Bebê, se eu pedir fotos de suas pernas, você manda?

“Aii...”, pensei... “É só a Carla saindo do sarcófago”. Sentei, ajeitei o vestido fazendo parecer um minivestido, tirei e enviei a foto.

— Uiii... Quero morder suas pernas... Gostei de seus pés, são lindos.

— Você gosta de pés?

— Sim, tenho fetiche por pés, gosto de mordê-los na hora do sexo. E você gosta de qual parte do corpo de um homem?

— Boca. Você não acha mais erótica? — falei sentindo um calor dentro de mim.

— Sua boca é erótica, bebê.

— Você faz o que para se divertir? Afinal, é jovem. — perguntei para o gato do Paquistão.

— Não faço muita coisa, saio para churrasco com amigos — o gato do Paquistão respondeu.

— Não pega gatinhas? — “Por que estou perguntando isso? Por Deus!”

— Pegar gatinhas, às vezes... Só para ficar... Aqui não pode namorar antes de casar, senão dá problemas. — Ainda é muito cedo para eu, Carla, saber tudo sobre a cultura, mas comecei a ficar curiosa, esse garoto prende, chama a minha atenção.

— Aqui no Brasil pode namorar antes de casar, pode noivar antes de casar.

— Pode ir para cama antes de casar? — Demorou ele perguntar isso.

— Pode sim... Sua cultura é muito diferente.

— Qual a sua religião? — Céus! Não esperava essa pergunta do gato do Paquistão.

— Sou religiosa... Mas há tempo não frequento uma Igreja... Oro em casa...

— Eu sou Islamita.

— Islamita? — Eu preciso pesquisar sobre ser islamita, não sei nada sobre...

— Você, mulher madura, linda, ficar com alguém aí no Brasil? — Essa pergunta dele me apertou.

— Não... Não tenho ninguém, ando trabalhando muito.

— rrsrr... Depois você me mandar mais fotos suas, bebê linda?

— Tá bom... Amanhã eu tiro mais fotos e mando para você... Aqui já é tarde...

“Onde eu arranjo figurinhas para enviar? Aqui essa...”
Enviei uma figurinha com coraçãozinho nos olhos. Será que significa o quê? Ah, já foi...

Ele devolveu ramalhetinho de flores.

Acordei com Skarlete no celular.

— E aí, amiga? Me conta tudo!

— Não rolou...

— O quê? Carla, como não rolou? Ele não deu...?

— Não! Não é nada disso... Ele nem entrou... Esquece isso, Skarlete.

— Não acredito... Mas e aí, vamos sair? Pegar uma piscina... Tô precisando depois dessa noite no tapete, no sofá, na cama e no banheiro. Uiii, nada mal nadar um pouco.

— Tá, Skarlete, não precisa me contar detalhes...

— Vou te esperar. Beijos!

Estranho, nem isso que Skarlete me contou me interessou tanto quanto as mensagens do garoto do Paquistão. Nem liguei para o garotão lindo que me deixou ontem e foi embora.

Me produzi, bem linda, tirei a foto e enviei.

Na piscina do clube, Skarlete fazia o maior sucesso com suas táticas de “caçadora de gatos”. Ela pedia por favor pra eles passarem protetor solar, outra hora, fingia ter perdido o brinco.

— Olhe! Carla, eles estão nos olhando, aqui na mesa ao lado — Skarlete falou baixinho.

— Não olhe agora. É hora de ajeitar o biquíni e ops... eles se mostraram...

— Por favor! Skarlete, eu não tenho coragem...

— Ai, meu Deus, o meu biquíni se desamarrou...

Céus, quando olhei Skarlete com as mãos nos seios prendendo o biquíni que estava completamente desamarrado, uns quatro garotos a ajudaram a amarrar o biquíni.

— Obrigada!!! São uns amores... Aqui o meu número do whatsapp.

Assim que eles se afastaram olhando para ela como se ela fosse uma fruta succulenta. Skarlete falava baixinho:

— Gostosos... Maravilhosos... Ai que calor... Preciso mergulhar.

Só posso rir disso... Como ela consegue? Ouvi o “plin” do meu celular que estava na bolsa. Ainda bem que Skarlete foi para dentro da piscina.

— Eu amo seu rosto. Você é a bebê mais linda que já conheci. A resposta do gato do Paquistão. Vou pedir outra foto dele.

— Você manda uma foto com as suas roupas de paquistanês?

É... vou ter que esperar, ele não está online.

— Vem nadar um pouco! Vem, Carla! Voltei para o planeta Terra com os gritos de Skarlete.

— Já vou! Ela e suas doideiras me divertem. Não sei o que seria de mim, Carla, sem Skarlete.

— Carla, olhe aqueles caras, ou melhor, as suas sungas de banhos. Nossa! A sunga amarela, o que é aquilo? Ele guardou uma banana grande lá? A sunga azul... Aiii. Parece que ele passou na feira e pôs uma mandioca dentro da sunga. E aquele...

— Skarlete!!! Pare! Por favor...

— Você está doente, Carla. Vamos procurar um terapeuta para você. Deve ser algum tipo de trauma — Skarlete falou enquanto dava gargalhadas de seus pensamentos.

— Eu estou bem — respondi.

— Então, olha. Olhar não ofende, não é contra lei. Será que pegar é contra lei? Uiii...

— Skarlete, vamos embora antes que você seja presa por assédio ou por atacar um desses garotos.

— Carla, olha aquele de sunga bege. O que ele guardou lá? É, vamos. Preciso colocar gelo dentro da calcinha, ou sei lá, entrar no freezer.

— Vamos, Skarlete!!! Você precisa ser exorcizada. É isso. Ufa, até que enfim saímos do clube.

— Eles nos olham também. E falam coisas sobre o nosso corpo. Nossa, você ficou douradinha! Nada de saias longas. Tudo mini. Ficou linda!

— Tá, amiga! Tchau! Já deu por hoje. — Beije o rosto de Skarlete e fui para dentro.

Não ouvi o “plin” do celular. Ele mandou a foto. Nossa! Como é lindo! Com as suas roupas de Paquistânês parece um príncipe.

— Você é lindo! Parece um príncipe.

— Obrigada, bebê linda. Kkkk.

— Você também é uma princesa. Manda foto pra mim com blusa decotada. — O gato do Paquistão quer uma foto minha com a blusa decotada.

— Tá bom. Me dá só um tempo e aí eu mando a foto. Ele me mandou bocas. Acho que significa beijos.

Procurei uma blusa branca bem transparente, me produzi, cabelos, brincos, maquiagem e quando estava pronta... Não sei o que me deu, tirei o sutiã e a saia. Pela primeira vez me achei linda como mulher. Toquei os bicos dos seios para que ficassem salientes. A blusa transparente realçava os meus seios, que pareciam mais sensuais do que nunca; tudo combinava com a minha calcinha de renda branca. Fiz poses e mais poses na frente do espelho. Pensei e tirei uma foto onde aparecia só a minha boca vermelha e o resto do corpo quase nu e, antes que desistisse, enviei. Junto, passei uma mensagem.

— Manda uma foto sua bem sensual.

Pensei: “Talvez nem mande ou não fale mais comigo”.

Estava equivocada, as mensagens chegaram à noite aqui no Brasil e era dia no Paquistão, assim, só as vi de manhã.

— Uiii... Deus!!! Você me matar, bebê linda.

— Seus mamilos são belos... Seu corpo, delícia!!!

Baixo uma foto dele sem a camisa. Meu Deus!!! Que escultura! Devolvi os elogios.

— Que lindo! Queria tocar você.

Nossa, Skarlete precisava saber o que eu tive coragem de fazer. Não tenho coragem de contar para ela.

Não sei onde isso vai dar, como vai terminar, mas, eu estou gostando do que está acontecendo. Mesmo o gato estando tão longe, ele me faz sentir viva. Eu me sinto viva. Não estou mais dentro de um sarcófago. Comecei a gritar dentro do banheiro, tomando banho.

— Eu estou viva!

— Eu estou viva!





CAPÍTULO III

Prazer Virtual

No trabalho, me sentia viva, mas não tinha coragem de contar o que fiz para Skarlete, que continuava com as suas deliciosas loucuras.

— Nossa! Você está diferente. Vai me contar o que está acontecendo. Não me diga que pegou o porteiro com cara de menino “pidão” dentro do elevador?

— Uiiii.... se ele não fosse tão tímido e se não respondesse “aqui é meu local de trabalho”, já tinha tirado a sua aparência de anjinho há muito tempo. Meu sonho! — Skarlete falou suspirando.

— Skarlete! Skarlete! Deus, as pessoas estão ouvindo! Não é nada demais. Só resolvi me produzir para ficar com uma aparência melhor. Não estou bem?

— Carla, amiga, tudo o que eu mais quero é que você supere aquele casamento horroroso e tenha muitas e muitas noites calientes com os garotos que também estão nos “caçando”. É isso! Vamos à “caça”.

— Não entendi. “Caça”?

— Você acha que eles gostam só das novinhas? É um sistema que funciona assim; Eles aprendem conosco, gatas maduras e experientes, para depois fazer com elas. Garotas novinhas só sabem mesmo é rebolar e fazer selfies de sexo; nós, quarentonas sensuais é que somos as entendidas do assunto sexo.

— Tá bom, Skarlete. Vamos trabalhar.

Cada vez mais admiro Skarlete por ter superado seu casamento ruim, sua separação e ser tão feliz e com muito alto astral.

No final do expediente, jantei com Skarlete, que logo saiu com uma de suas “caças”, ou melhor, “presa”.

— Amiga, não vai ficar com raiva se eu for com ele, é... Esqueci o nome.

Fica mais um pouco, toma um café e quem sabe não aparece a sua “presa”. — Skarlete falou me dando beijos no rosto e saindo.

Resolvi não ficar, pois, logo à noite, o gato do Paquistão falará comigo. Pode parecer infantil, mas eu mal posso esperar. Certa vez li que a paixão é muito forte porque são os nossos espíritos que se apaixonam, daí eles usam nossos corpos e, que se apaixonam uma única vez por uma única pessoa e sempre que reencarnam, inexplicavelmente, acabam

se reencontrando na face da Terra. Penso que se for verdade, é muito mágico.

Tomei banho, vesti apenas camiseta e calcinha, é uma das vantagens de morar sozinha. Peguei o celular e fui para o messenger. Será que ele vai responder?

— Oi...

Nada... Não me respondeu ainda. Assim que deitei e apaguei o abajur, o celular fez o “plin” mais aguardado do mundo.

— Oi...

— Está aí, bebê linda?

— Sim, estou aqui, neném. — Pensei: “se ele me chama de bebê, eu tenho que devolver de forma carinhosa”, e então, rapidamente surgiu neném.

— Saudades de você, linda.

— Eu também sinto saudades de você.

— Bebê, eu quero que me passe o seu Skype.

Skype? Para quê será Skype? Não conheço bem Skype e nem sei muito sobre a sua utilidade.

— Ai, neném, a internet aqui hoje está péssima. Falamos depois. Beijos!

Ele devolveu carinhas com coração na boca.

Vou falar com Skarlete por mensagens. Já deve ter terminado com o garotão de hoje.

— Skarlete, o que é e para que serve o Skype?

— Ai, amiga... Agora estou me vestindo, daqui a pouco falo com você.

Depois de meia hora, Skarlete respondeu a mensagem.

— Skype serve para você falar e ver a pessoa ao mesmo tempo. Você tem de baixar o Skype.

— Não sei como fazer...

— Carla, amiga, leva o seu celular ou tablet para o gatinho da lan house, aí, na quadra abaixo da sua, ele vai baixar o Skype para você. Aproveita e dá uma paquerada. Vê se ele abaixa também as calças. Ele é uma “coisa”!

— Tá, Skarlete. Beijos!

No dia seguinte, levei o tablet até a lan house para o gatinho baixar o Skype e Skarlete tinha razão, ele é uma “coisa”. “Coisa” gostosa. Ele, com toda gentileza, instalou o Skype e explicou como usá-lo.

— Você passa agora o endereço de seu Skype para as pessoas. É esse aqui, se parece com um e-mail.

— Ok. Paguei o gatinho de bumbum arrebitado e logo sentei numa lanchonete para tomar um café, aproveitei e passei o endereço do Skype para o gatinho do Paquistão.

Não recebi nenhuma resposta de imediato. Estou contando nos dedos a diferença de horário entre Brasil e Ásia.

No trabalho, Skarlete me chamou até o banheiro para me contar sobre ela e um gatinho.

— Skarlete, seremos demitidas por justa causa.

— Amiga, a gente faz xixi, né? Vem, fica aqui no cantinho; vamos usar o mesmo banheiro para disfarçar.

— Aiii... Esse garoto de ontem foi o nota “1000”. Você não sabe... Carla, ele me cobriu toda de chocolate e limpou tudo com a língua.

— Credo! E isso é bom? Deve virar uma “lambreca”... E os lençóis?

— É de outro planeta... Lençóis, a gente lava... E quem disse que foi só na cama? Eu acho que o tapete da sala dele precisa também ser lavado. E depois, o melhor de tudo é o banho...

— Anda rápido, Carla, faz seu xixi logo, a gente precisa voltar para o trabalho.

— Tá, Skarlete, então sai do vaso.

— Carla, você precisa provar gatinho com chocolate. Uiii... Eu o lambuzei todo e depois, comi todo o chocolate. Acho que engordei uns dois quilos. Olhe! Agora preciso urgente fazer uma dieta. — Skarlete mostrou a cintura para Carla.

— Só você mesma. Skarlete, você está ótima. E sempre bela.

— Não, eu comi muito chocolate ontem. Você não faz ideia. O “elefantinho” dele, aiii... todo coberto de chocolate... Na verdade é “elefântão”...

— Só rindo. É muito engraçada. Vamos, Skarlete. O chefe vai desconfiar.

Na minha mesa, eu fiquei pensando em como seria lambe chocolate do corpo de um garoto. E logo pensei em como Skarlete estava certa em se referir aos nossos casamentos como fracassos absolutos.

Que marido passaria chocolate no corpo de sua esposa após quinze, vinte anos de casados, mais contas para pagar, problemas com os filhos, rotinas e vários outros problemas.

Sem falar que a maioria dos maridos adquire aquela barrigui-nha nada sensual...

É melhor ocupar a minha cabeça com o trabalho. Nem sei mais o que está acontecendo comigo, mas penso que tenho que ficar bem linda à noite, caso o gato do Paquistão me chame pelo Skype. Pareço uma adolescente ridícula, mas o que importa é que estou gostando do que está acontecendo. Está me fazendo bem.

Eu tenho que encontrar uma forma de contar tudo para Skarlete. Ela pode ficar zangada, já que somos amigas e confidentes. Ela sempre me conta todas as suas aventuras. Vou esperar mais um pouco, falar com o gato paquistanês pelo Skype e depois conto tudo para ela.

Acho que ainda estou procurando coragem para contar para Skarlete o que está acontecendo. Nem eu estou me reconhecendo. O que eu estou fazendo? Se comparar com as aventuras de Skarlete, não sei qual das duas age mais como garotinhas de quinze anos. Com o uso do Skype, o que era somente mensagens foi mais além...

— Oi...

— Oi, bebê. Você é muito linda mesmo.

— Você também é muito bonito.

— Que bom que baixou o Skype, assim podemos nos ver.

O gato do Paquistão estava no sofá de sua casa. Pela diferença de horário, no seu país é dia e aqui no Brasil é noite.

Os velhos poetas não se enganaram ao dizerem em seus poemas que a noite é a melhor amiga dos apaixonados. No meu caso, a noite me favorecia, estava de camisola de renda

sobre os seios e alças muito finas que caíam sobre os ombros a todo instante.

— Eu amei ver seus mamilos, sempre ouvi dizer que brasileiras são belíssimas. É verdade.

Acho que em toda a minha vida nunca tive tanta intimidade assim com um homem, nem mesmo com o meu ex-marido.

— Você sem camisa é muito gostoso.

Confesso que estou meio nervosa e não estou sabendo o que falar. Vou deixá-lo conduzir o nosso assunto. A imagem no meu tablet está ótima.

— Se eu pedir algo, você faz? Responde que sim, minha linda.

— Depende... O que você quer que eu faça?

Eu gelei... Pensei: “o que será que aquele deus vai pedir?”

— Não estou abusando de você, bebê linda; não é falta de respeito. É que eu gostando de você...

— Eu também gosto muito de você. Parece que já nos conhecemos há muito... — Ele não esperou que terminasse de falar.

— Eu gostando de forma diferente de você, bebê. Quero ver seus mamilos sem blusa... Faz isso pra mim?

O mundo parou. Todos os relógios pararam seus ponteiros. Eu comecei com isso... Fiquei parada e calada...

— Bebê? Você mostra pra mim seus mamilos sem blusa? Eu quero muito ver — O gato do Paquistão insistiu. Não sei o que deu em mim, aqueles olhos negros me hipnotizaram,

aquela boca me pedindo e o som do meu coração disparando, abaixei a alça da camisola de um lado e depois do outro.

— Aiii... São lindos demais. Queria fazer carinhos neles. Beijá-los.

Quase sem voz, eu pensei: “preciso pedir algo em troca.”

— O que você vai me mostrar? Olha neném, eu te mostrei meus seios, estou nua da cintura para cima. E eu não te conheço pessoalmente...

— Calma, bebê... Eu vou me mostrar todo pra você. Só não é o momento ainda.

Será que eu, uma mulher madura, estou passando por uma ridícula, sem vergonha e...

— Toca na parte rosadinha, bebê linda... Se você tocar neles, eu sentir, será como se eu tocasse e você também imaginar que sou eu tocando em seus mamilos.

Fiquei parada e ele insistiu.

— Toca bebê, os bicos de seus mamilos pra mim. Faz carinho neles por mim.

Meio mecânica, eu comecei a tocar os meus seios olhando a reação daquele homem jovem, ele olhava com a respiração diferente e mordida os lábios como se estivesse sentindo prazer em me ver tocar os meus seios. Parei e lentamente levantei uma alça da camisola.

— Não, linda... Faz pra mim...

Levantei a outra alça da camisola e falei com a voz a tímida;

— Já é tarde aqui e eu preciso dormir, amanhã trabalho cedo.

— Tá bom, bebê linda. Então, dorme com os anjos e sonha muito com nós dois juntos.

— Tchau...

Deitei a cabeça no travesseiro e pensei: “se não tivesse parado até onde iria? Será que ele está sendo sincero? Ou será que no país dele as mulheres não se mostram e pensam nas brasileiras como umas desavergonhadas”.

É fato que fiquei excitada em vê-lo olhando para os meus seios. Será que ele também se excitou?

Quase não usamos mais messenger ou outro meio para passar mensagens, passamos a usar só Skype. Instalei o Skype também no notebook; a imagem é melhor e eu não preciso segurá-lo como o tablet.

Não tive coragem de contar nada ainda para Skarlete, que me convenceu a passar a noite com um garoto que conhecemos no bar. Não foi ruim, depois de tanto tempo sem fazer sexo, até que me saí bem.

Mas na hora “H”, só pensava no gato do Paquistão, era como se ele estivesse na cama comigo; como se eu estivesse beijando a boca dele, tocando o corpo dele. Foi sensacional, até perceber que não era o gato da Ásia.

Senti-me mal por usar o garoto, talvez seja assim que os homens agem por ter tanta facilidade de trocar a mulher que ama por outras.

Já quase amanhecendo, o garoto se despediu e foi embora. De calcinha e sutiã, chamei o gato da Ásia pelo Skype. Ele apareceu sem camisa e com os cabelos bagunçados.

“Ele é mesmo muito lindo”, pensei.

— Oi, bebê linda...
— Oi... Hoje eu quero te pedir algo. Faz pra mim?
— O que minha bebê linda do Brasil quer que eu faça?
— Coloca a sua mão dentro das suas calças e faz carinho no seu “elefantinho” por mim.

— “Elefantinho”? Não entendi.
— É o que vocês homens têm entre as coxas, acho que se parece com um elefantinho.

— Bebê?! Você quer que eu faça carinho no meu...?
— É... Quero... E... E eu faço aqui carinho na minha “borboletinha”...

“Agora sim, eu estou no ápice da loucura”, pensei.
— “Borboletinha”? Acho que nem o gato da Ásia está acreditando no que está acontecendo.

— É... “Borboletinha” é o que nós, mulheres, temos entre as coxas.

— Tá, bebê, vou fazer carinho no meu “elefantinho” pra você... O gato da Ásia falou já abaixando a mão em direção ao zíper de sua calça.

Tirei o sutiã para que ele visse o tanto que eu estava excitada, enfiei os dedos por baixo da calcinha e olhando nos olhos dele imaginava aquele deus me tocando. Assim que comecei a soltar gemidos, percebi na expressão de seu rosto um homem sentindo prazer.

Foi rápido, terminamos juntos a nossa loucura e ficamos nos olhando pelo Skype e o silêncio falou tudo. Só consegui jogar um beijo com os lábios e foi também o que ele fez. Fechei o notebook e fui para o banho.

Passei a temperatura do chuveiro para o frio e fiquei lá com a água descendo pelo o meu corpo, apagando aquele fogo que me fazia pensar que precisava encontrar aquele garoto mais jovem, com cultura e religião diferente, do outro lado do planeta. Não sei o que fazer, a razão me faz pensar nas diferenças e na distância, mas o meu corpo implora, ordena que eu dê um jeito de encontrá-lo.

No trabalho, Skarlete passou o dia todo me chamando de volta para a Terra.

— Carla! Carla! Amiga, todo mundo está notando, você está catatônica o tempo todo. O que houve? Já sei... O garoto de ontem? Maravilhoso, não foi? Ele te levou para o outro lado do planeta e você ainda não voltou.

— É... foi o garoto... Depois eu te conto.

Skarlete tinha razão, fui para o outro lado do planeta e ainda não voltei... Mas ela se enganou quanto a quem me levou para o outro lado do planeta.

— Hoje vamos ao salão de beleza. Já marquei e você precisa caçar mais garotos. Não é correto se impressionar assim só com um. Esquece esse de ontem e vamos “caçar” outro. Eles estão por aí, doidos pra se tornarem presa de gatas maduras e experientes como nós. Eu quero saber detalhes, no salão de beleza, você conta tudo. Teve algemas? Frutas? Chocolate? Aiii... Ele gosta de apanhar?

— Depois, Skarlete... Depois eu te conto... Vamos trabalhar. Minha amiga louca e querida nem imagina. Ele nem me tocou e me levou para outro planeta. “Preciso pesquisar sobre o Paquistão, Ásia, turismo, valor de passagens”, pensei.

— Eu quero “caçar”, sim, mas “caçar” na Ásia, gatos da Ásia — falei baixinho.

É arriscado eu pedir para ele vir aqui... Além disso, talvez seus pais não gostem. Ele é muito jovem. Eu vou até ele.



CAPÍTULO IV

Doce Loucura

Em toda a minha vida eu fui sempre a pessoa com a qualidade de “certinha”; isso inclui viver sempre escondendo o corpo, com maquiagem discreta porque sempre ouvi dizer que uma mulher tem de ser recatada.

“Moças recatadas encontram bons maridos”.

Não sei o que a sociedade entende por bons maridos. O meu marido agora “ex”, só não me achava interessante com roupas sensuais, bem produzida, achava e reparava nas outras mulheres, prestava atenção em cada detalhe das roupas curtas, alças de roupas íntimas aparecendo, cruzada de pernas, seios à mostra e rostos bem maquiados.

Skarlete tem toda razão do mundo, não me canso de concordar ao dizer que maridos só enxergam beleza nas outras.

E por que será que mesmo vivendo um relacionamento péssimo, a separação acaba com a nossa autoestima? Penso que na verdade é o arrependimento de ter sido usada durante anos, no meu caso específico, é de não ter sido usada. Skarlete disse que em matéria de sexo, no casamento dela, houve uma regressão todos os dias: no início, três vezes por semana, duas vezes por semana, uma vez por semana, às vezes no final de semana. Só ela ficava no “seco” porque ele tinha outra ou outras. Será que enjoou ou será que os problemas do cotidiano tornam os maridos infiéis? Injusto, muito injusto. No meu caso, quando percebi, estava só com os problemas, nada de amor, nada de sexo, nada de compromisso e nada de felicidade.

O que adiantou a minha grande qualidade de ser uma mulher recatada.

Estava perdida nos meus pensamentos e o gato da Ásia me trouxe de volta a realidade de mulher nada recatada.

— Oi, minha linda...

— Oi, meu gato...

— Eu sinto saudades de você, bebê.

— Eu sinto a sua falta. Será que vamos nos encontrar um dia?

— Claro! Eu penso nisso todos os dias, minha bebê linda. Você vir aqui no meu país.

— Eu? Você não pode vir aqui no Brasil?

— Ainda não, linda. Só quando terminar o curso na faculdade.

— Você fala com mais brasileiras?

— Não... Ultimamente falando só com você, linda.

— Você sabe que minha religião permite que eu tenha duas esposas?

— Sério? — Esposa é a última palavra que eu gostaria de ouvir dessa boca carnuda que fica erótica só em soltar as palavras.

— É... Mais eu querendo você, bebê. Você vir aqui no Paquistão, vou mostrar coisas belas para você.

— Eu quero fazer “coisas” com você. Quero que você faz “coisas” comigo.

Céus! Essa, falando isso para um garoto de vinte e cinco anos, não sou eu, deve ser algum espírito...

— Nós já fazendo “coisas”, mas se você vir aqui, eu vou colocar a boca em todo o seu corpo, delícia. Acho muito gostoso morder de leve a pele macia de uma mulher.

— Hummm... Você está me deixando excitada.

— Eu querendo que você tire as roupas pra mim, bebê delícia.

— E você vai tirar as roupas pra mim? — perguntei.

— Não. Hoje, você tira as roupas pra mim. Faz isso para o seu gato do Paquistão. Eu querendo...

O que ele tem na voz, no jeito de falar, são os olhos, a boca, só pode... estou hipnotizada...

Fui tirando as roupas aos poucos e logo estava completamente nua.

— Ninguém vai entrar aí, onde você está? — perguntei com certo receio.

— Não... Eu não sou assim, bebê. Jamais permitiria outras pessoas ver você desnuda, eu não gostar de imaginar você com outro homem. Eu não aceito isso...

— Tire a camisa. Ao menos a camisa. — O gato da Ásia me atendeu. Céus! Como eu queria estar nua ao seu lado.

— Toca seus mamilos pra mim, bebê linda.

“Uiii ... Eu agora, muito excitado...”

— Mostra pra mim seu “elefantinho excitado” — pedi pra ele enquanto acariciava meus seios.

Ele, num gesto meio robótico, abriu suas calças... Céus! Nunca vi nada até hoje que eu quisesse tanto pôr as mãos, tocar...

O que acontece com nós dois não é promiscuidade, é algo muito forte.

— Bebê linda, coloca a mão na sua “borboletinha”, faz carinho nela por mim. Coloca dedinhos no meio dela, bebê. Aiii... Nós precisamos nos encontrar.

Desci a mão devagar dos seios até a minha “borboletinha” e movimente os dedos como ele me pediu. Ele acariciava com movimentos ligeiros o seu “elefantinho”.

— Eu quero você... Por deuses, eu quero você. Meu gato da Ásia... Eu quero você...

Terminamos e ficamos um instante sem falar nada.

— Bebê linda, estou ouvindo passos... Ele se vestiu rápido e eu abaixei o notebook e fui para o chuveiro.

Só me sequei, não consegui colocar roupas pensando no que estava acontecendo.

Skarlete me convidou para um jantar na casa de um de seus amigos. Logo ela estava paquerando um garoto louro, a beleza em pessoa. Percebi que logo ficaria sozinha, como sempre.

— Carla, eu e... Não lembro o nome, vamos para casa. Você fica bem?

— Claro... — Ouvi uma voz.

— Fique tranquila, Skarlete, eu levo sua bela amiga em casa

— Perfeito. Beijo amiga e depois conversamos.

Skarlete se foi com o garoto que ela nem se dava ao trabalho de prestar atenção no nome. O cara que se ofereceu para me levar em casa também era lindo, não tão jovem quanto o garoto de Skarlete. Mas era do tipo hummm.

A noite foi inesquecível, mas me dei conta de que eu queria ficar com os garotos aqui no Brasil somente para me fantasiar na cama com o gato da Ásia. O tempo todo o beijei pensando beijar o meu gato da Ásia, acariciei pensando que deslizava as mãos no corpo dele.

A madrugada chegou e o garoto se foi, essa é a grande vantagem: eles não falam em contas, cartões de créditos, problemas com os filhos e não tem que ajudá-los a se vestir ou ouvi-los reclamando das roupas e acabando com a nossa autoestima feminina logo cedo.

Preciso contar para Skarlete o que está acontecendo comigo e o gato do Paquistão.

— Skarlete, no horário do almoço preciso falar com você. Preciso demais, amiga, falar com você.

— O que foi? Você se protegeu? Não pegou doença? Gravidez? Carla, você está me assustando. Eu te avisei pra não se apaixonar... Eles não são para apaixonar, só para brincar...

— Skarlete! Ouve-me... Não é nada disso. No horário do almoço contei para Skarlete o que estava acontecendo entre eu e o gato da Ásia.

— Meu Deus! Vamos olhar se você não está nua na internet... sites pornô... Se ele postou você... Skarlete ficou doida e já foi procurar minhas fotos nuas no celular.

— Skarlete! Eu vou pedir férias e vou procurar uma agência de viagens, eu vou passar uns dias no Paquistão.

— Você ficou doida? Ouvi falar que homens de lá podem ter mais de uma esposa. Ele vai fazer de você prisioneira no país dele, vai fazer você de escrava sexual. Até que a parte de ser escrava sexual é boa, mas a de ser prisioneira não é nada boa.

Skarlete não parava de falar, ficou enlouquecida. Acho que Skarlete não queria acreditar em tudo que eu contei e menos ainda que eu pretendesse viajar para a Ásia.

— Skarlete! Eu tenho que ir. Eu preciso ir. Preciso mais do que tudo de conhecê-lo, tocar, beijar... Não ligo se vou me tornar a sua prisioneira ou a sua escrava sexual. Eu quero e vou viajar para o Paquistão.

— Então eu também vou. Não posso deixar você viajar para o outro lado do mundo, sozinha. Vou pedir férias também.

— Não! Você não vai. Amiga, eu quero ir sozinha.

Skarlete é minha grande e melhor amiga, ela me deu apoio assim que me separei do meu ex-marido.

É meio doida, mas é o jeito que ela encontrou de superar o mau casamento e recuperar a sua autoestima como mulher.

Ela me ensinou muito sobre sobreviver, ou melhor, resuscitar depois de mais de vinte anos mal casada. Mas eu tenho uma sensação boa, sinto que existe um mundo só meu e do gato do Paquistão. Raras vezes eu o chamo pelo seu nome, e ele não me chama pelo meu nome, isso é uma espécie de intimidade. Mesmo distante, através do Skype, nós temos química. Eu preciso, eu quero ir até ele sozinha.

— Tá... Tá bom. Desculpa. Eu vou até a agência de viagem com você. Mas me promete que vai tomar cuidado. Quero que fale comigo todos os dias. — Skarlete falou me abraçando.

— Vamos comprar roupas para você viajar bem linda. Vamos comprar roupas íntimas e sensuais, baby dolls, calcinhas comestíveis, ouvi dizer que tem de vários sabores. — Skarlete já não era a amiga preocupada e já queria me ajudar com a viagem.

Fiz o pedido de férias, encontrei uma ótima agência de viagens. Skarlete me ajudou a renovar minhas roupas. Só está faltando falar para o gato da Ásia que estou indo até ele. São mais ou menos dezoito horas de voo. Estou com medo, ansiosa, mas louca para chegar a Islamabad.

— Oi, bebê linda...

— Oi... Eu preparei tudo e vou viajar para Islamabad, semana que vem...

— Amei! Deus! É tudo que eu quero... Abraçar minha bebê linda...

— Eu também quero muito abraçar você.

— Você está enrolada de toalha com os cabelos molhados...

— É... Acabei de tomar banho...

— Tire a toalha, minha bebê delícia...

— Vamos esperar... Eu vou até você, meu gatinho.

— Só retire a toalha para eu te ver.

Atendi ao seu pedido e retirei a toalha.

— Aiii... Eu quero beijar você toda.

— Tchau, meu gatinho.

— Tchau, bebê.

Resolvemos esperar para o dia do nosso encontro.

E assim, Skarlete com as suas loucuras foi me levar até o aeroporto.

— Amiga, coloquei na sua bolsa umas camisinhas coloridas e perfumadas. Quero que experimente todas.

— Tá, Skarlete. Me dê um abraço. Vou sentir a sua falta.

No aeroporto de Islamabad, passei mensagens avisando de minha chegada e falando o endereço e nome do hotel. Ele não fez questão de me fazer um convite para a sua casa, eu entendi e respeitei, também acho melhor ficar num hotel.

As pessoas me olham, mas não ficam encarando, só me olham porque sou diferente e sabem que não sou daqui.

Tomei um táxi, mostrei o nome e endereço do hotel e não demorou, eu estava no hotel de Islamabad.

O quarto era bastante aconchegante, o banheiro com uma banheira convidativa. Peguei o roupão do hotel, tirei minhas roupas e estava preparando a água na banheira para um banho relaxante, quando bateram à porta do quarto.

Abri a porta, só um pouco, para ver quem estava batendo e lá estava ele com as suas roupas típicas de Paquistânês. E eu, só de roupão, sem nada de roupa por baixo.

“Meu Deus! Ele é um príncipe”, pensei já abrindo toda a porta, como imãs, logo estávamos abraçados, nos beijando como dois adolescentes na primeira noite de amor.

Não conseguimos pronunciar nenhuma palavra. Elas nos eram desnecessárias. Não sei quanto tempo durou o beijo, parecia que naquele lugar não existia tempo. Sentia cheiro de cravo e canela juntos, não sei se era o perfume dele ou o cheiro de suas roupas. Paramos, ele fechou a porta do quarto do hotel, me entregou uma rosa vermelha, quase vinho, a cor da paixão, ou da nossa paixão.

—É... Eu estava indo tomar banho... Desculpe, eu não estou arrumada, é que acabei de chegar... É uma rosa linda... Espera só um pouco, eu vou tomar banho, é rápido...

Saí andando para o banheiro, ele não falou nada e assim que desamarrei o roupão e virei, ele havia me seguido até o banheiro.

Retirou o meu roupão e já me beijando, foi me deitando ali mesmo no chão do banheiro. Retirou a parte de cima de sua roupa. O modelo de sua calça nos favorecia, possuía uma abertura frontal.

Estava equivocada, não somos adolescentes, somos animais. Depois de hora ali rolando no chão, ele disse baixinho nos meus ouvidos:

— Aiii, bebê... Banhar depois... Eu vou banhar você... Primeiro vamos fazer amor até não aguentar mais.

Apertei forte a mão daquele deus, olhei nos seus olhos e só consegui sussurrar: — Vejo seus olhos, sinto o seu cheiro, provo o seu sabor e sinto você dentro de mim.

— Sim, bebê linda... Eu quero ficar muito tempo dentro de você. Quero ouvir minha bebê delícia gemer nos meus ouvidos de tanto prazer — ele disse baixinho, meio ofegante.

Esquecemos do tempo, esquecemos do lugar, não nos importamos com o chão do banheiro. Estávamos suados e exaustos. Ele me tomou nos seus braços e me colocou devagar dentro da banheira. Já sabia que o país dele é bilíngue; ele fala um idioma idêntico ao português e fala idioma árabe. Aquele deus nu me lavando e cantando no idioma árabe, passando a mão no meu corpo, me banhando. Será que é algum ritual? Ou apenas um gesto de carinho? Não sei, mas o momento era mágico.

Retirou-me da banheira. Levou-me molhada para a cama, me deitou e começou a me secar com a toalha, depois me cobriu, me deu um beijo suave e angelical e disse baixinho:

— Dorme um pouco, minha princesa linda, agora eu me banhar.

O cansaço não me impediu de olhar e admirar aquele deus nu de costas, se afastando, indo para o banheiro.

Acordei com aquele aroma de cravo e canela juntos, ele estava debaixo dos lençóis comigo. Como uma menina levada e curiosa, fui levantando o lençol aos poucos para espiá-lo nu.

— Espertinha, você! Não tem nada aqui que ainda não viu, provou e tocou.

Ele foi logo me beijando e não demorou, a cama estava em chamas e nós dois, no meio das labaredas, ardendo de tanto desejo.

Como se ocorresse lapso de memórias, nós esquecemos do tempo, não lembramos de nos alimentar e não demorou, estávamos no tapete do quarto e de repente, nos vimos no chuveiro.

Vestimos-nos e ele percebeu que já não era hora do café da manhã.

— Vamos! Vou levar você para almoçar, bebê. Deve estar faminta.

— Nossa, você me fez esquecer que existia comida no mundo. Vamos, quero conhecer um pouco de seu país.

Não andamos de mãos dadas, não nos beijamos em público. As pessoas só me olhavam, percebendo que não era uma mulher paquistanesa.

Foi um dia incrível. De volta ao quarto do hotel, ele disse que precisava ir em casa, mas à noite, voltava. Por um momento senti um aperto no peito.

— Preciso ir. Tenho de ir até minha casa. Mas à noite eu volto pra ficar com você, bebê linda. — Despediu-se e foi. Fiquei com medo dele não voltar. Foi bom, aproveitei e passei

mensagens para tranquilizar Skarlete; no final, acrescentei que quando chegasse ao Brasil, eu contaria os detalhes.

Estava toda produzida, com receio de que o gato do Paquistão não voltasse ao hotel. De repente, bateu à porta, e lá estava ele com algo para gente comer e beber.

— Demorei? — Beijou-me e entrou.

— Não... — Não quis demonstrar que estava ansiosa por sua chegada.

— Você está maravilhosa, é uma mulher delícia, mas nós vamos comer aqui no quarto. Eu trouxe algo que você vai gostar e depois que comermos, eu prefiro que minha bebê delícia fique toda nua pra mim.

Ele tinha o poder de me dar ordens, meio que hipnotizada, respondi concordando.

Eu gosto de tudo que meu príncipe paquistanês faz. Aquele homem jovem com cheiro de cravo e canela tinha o domínio sobre meus pensamentos, meus atos e movimentos.

Depois que jantamos, ele, que agora vestia calça jeans e camiseta, ficou só de jeans. Não sei se é uma característica de todos os homens da Ásia, mas ele ordena, não pede.

— Bebê, tira toda a sua roupa pra mim. — Mais uma vez, hipnotizada pelos os olhos negros daquele deus, comecei a tirar a roupa e fiquei nua, só de sandálias de salto e um colar no pescoço.

— Vem até mim. Eu quero ver você andando, desfilando pra mim. Sentado num pequeno sofá, ele me fez distanciar e depois ir caminhando até ele.

— Senta aqui, minha princesa. Eu amo esses seus cabelos longos. — Sentei nua no seu colo enquanto ele mexia nos meus cabelos. Depois tirou as minhas sandálias tão devagar como se o tempo não passasse, fez carinho nos meus pés.

— Bebê, faz pra mim o que você fazia pelo Skype. — Pensei em recusar a fazer, dizer que sentia vergonha, ele insistiu, ordenando.

— Bebê linda, eu quero ver agora. Coloca a mão na sua “borboletinha”. Eu pedindo — ele sussurrou nos meus ouvidos.

Comecei a me tocar e ele só olhava, por um momento eu pensei: “ele me acha uma promíscua, talvez uma mulher sem pudor...” E meus pensamentos me conduziram aos meus movimentos e concluí: Quer saber? Não ligo para o que ele está pensando e sim para o que ele está sentindo e me fazendo sentir. Ele é jovem, belo, podia estar agora com uma garota de sua idade, por alguma razão está aqui agora, comigo. Senti que ele estava excitado. Ele só me olhava, até que num movimento brusco e rápido, me pegou nos braços e me levou para a cama.

Acordamos de manhã, os dois nus e descobertos. Foi aí que me dei conta da existência do tempo.

— Hoje eu vou embora — falei baixo quando ele me abraçou.

— Fica. Não vai. Eu me caso com você e caso com uma mais jovem só para me dar um filho.

Senti um gelo na barriga e um disparo no coração. Não sei se me sentia elogiada ou ofendida. Mas de qualquer forma,

eu não podia ficar e eu tenho que entender que para ele e seus costumes, a sua proposta era normal. Eu tenho uma vida no Brasil. Concluí meus pensamentos.

— Não posso ficar. Não vim preparada para ficar.

Não vou nem adentrar na questão de ele se casar com outra mais jovem para lhe dar um filho.

— Não é anormal aqui, minha linda, um homem ter duas esposas. Eu quero você pra ser uma de minhas esposas. Não precisa ficar assustada, minha religião permite. Depois do casamento, nós três ajustamos tudo entre nós.

— Não é isso, meu lindo. Eu não vim para ficar, não dessa vez. — Senti-me enganando a ele e a mim mesma, mas era necessário.

— Eu preciso ir até a faculdade. Eu vejo você, linda, no aeroporto, antes de embarcar. Mas eu não vou desistir de você, será minha esposa também.

— Tá bom. Até o aeroporto então.

Aquele assunto me distanciou dele. Não faz parte da minha realidade. Talvez ele nem vá até o aeroporto. Eu sou uma mulher adulta e sabia das diferenças entre nós. Há um “muro” enorme de diferenças entre nós dois.

Fui de táxi para o aeroporto e ele não chegava, até que começou a anunciar o meu voo. Já estava caminhando e pensando que Skarlete era sábia em não se apegar a nenhum dos garotos, ela não faz questão nem de saber o nome deles.

Eu sou uma ridícula de mais idade. Ele deve contar tudo que fizemos para os seus colegas de faculdade. Que vergo-

nha... Será que ele vai contar o que fizemos na cama? E o que eu fiz pra ele?

— Bebê! Bebê linda! Espere! — Ouvei seus gritos vindo entre as pessoas, pedindo licença e desculpas ao mesmo tempo. Parei para esperá-lo.

— Não vai! Eu pedindo! Quero que fique. Eu caso só com você. Não quero casar com mais mulheres, só você.

— Não posso ficar, meu lindo. Eu não vim para ficar.

— Então, eu vou ter esperanças. Assim que bebê delícia chegar ao Brasil, fala comigo. Eu esperar. Você é minha para sempre. Não quero que fique com outro homem no Brasil.

— Tchau, meu lindo. Tenho que ir...

Dentro do avião, chorei aos soluços e pensei: “deve haver deuses cruéis pra fazerem duas criaturas se encontrarem, apaixonarem-se com toda essa imensidão entre eles, idade, distância, religião, cultura, costumes, família... O que os pais dele sonharam para ele? Com certeza não foi ver o filho casado com uma mulher estrangeira que tem idade para ser a mãe dele.

Ai, quando contar isso tudo para Skarlete... Quero chorar no ombro da minha amiga. Pedi uma bebida forte no avião, dessas que derruba até elefante. Quero dormir e não pensar no rosto dele me pedindo para ficar, casar-se com ele. E agora? Ele não pode passar a vida toda namorando uma mulher mais velha por Skype e mensagens. O que eu fiz? Oh, Deus! Vou tomar uma dose grande disso e vou dormir. É o melhor que eu faço.





CAPÍTULO V

SOL E LUA

Chegando ao Brasil, o primeiro rosto que apareceu entre as pessoas que estavam no aeroporto foi o de Skarlete, para a minha sorte.

— Amiga! Que medo de não te ver mais aqui no Brasil. E aí? Me conta tudo, quero saber até o tamanho do “elefantinho” dele... Ele a fez prisioneira no quarto dele? Ele cobriu seu corpo com aquelas frutas exóticas e... Uiii... Fala, Carla! Vai me matar de curiosidade.

Skarlete não muda, é a mesma escandalosa, parece que ela esquece que as pessoas têm ouvidos. Mas é a minha adorável e louca amiga. Ela não sabia se me abraçava e beijava ou se perguntava sobre a minha doce e imprudente aventura.

— Calma! Skarlete, só você mesma. Não existe no mundo pessoa igual a você. Eu vou te contar tudo.

— E ele? Fale-me sobre o... — Como sempre, Skarlete não fazia muita questão de guardar os nomes dos garotos que ela mesma chama de “presa”.

Para Skarlete, eles eram para proporcionar noites quentes de sexo sem compromisso, nada mais além das ardentes noites.

— O nome dele é Rarslan. Ele é maravilhoso, um príncipe...

— Carla, eu quero saber do momento em chamas, de quando vocês estavam na cama; eu sei que ele é bonito. Eu quero os detalhes quentes.

— Aiii... Na cama, no tapete, no banheiro, no sofá... Skarlete, amiga, você não é capaz de imaginar... Eu tirei o atraso de todo o tempo em que estive mal casada e o sexo era feito por obrigação.

— Danadinha! Isso tudo? Já posso imaginar, nem colocaram roupas, não saíram do quarto... Isso quer dizer que ele é muito bom na cama. Carla, nessa viagem você se superou. — Skarlete costumeiramente atribuía notas aos garotos.

— É... mas eu desconfio que não está rolando só sexo entre eu e o gato da Ásia... Está acontecendo algo mais.

— Carla, Carla, volta. Onde você está? Amiga, ele tem vinte e cinco anos, mora do outro lado do planeta, tem cultura e religião diferentes da sua, os pais dele devem sonhar com uma dúzia de netos, filhos só dele, e você, amiga, tem quarenta e dois anos é muito sadia e bonita, mas eu tenho certeza que você não é a mulher que os pais dele sonharam. Volta para a Terra, agora! Amanhã vamos à choperia e vamos “caçar” outros gatos.

— Skarlete, você não entendeu... Ele quer que eu seja uma de suas esposas... Ele me pediu.

— Carla, na cama, no tapete, no chuveiro e no sofá, todos eles querem se casar, mas é só nesse momento. Eu também já escutei demais isso. Ainda mais ser “uma” de suas esposas.

— No início ele disse que se casaria com outra mais jovem só para ela lhe dar filhos e que eu seria para ele amar, fazer amor, que eu seria a sua bebê linda. No aeroporto, ele disse que era para eu ficar, que só casaria comigo. Não queria mais duas esposas. Eu vi no rosto dele sinceridade. Skarlete, eu fiquei com pena dele.

— Ahh, você ficou com pena dele? Eu me sentiria muito, muito ofendida se um homem falasse que iria arranjar uma jovem para lhe dar filhos e eu... Quer um conselho? Carla, amiga esquece tudo isso. Pode ser verdade que ele se sentiu atraído muito por você, sentiu um forte desejo, você é muito bonita, corpão, cabelão, mas o que os pais dele, a família dele, achariam disso? Como seria? Você iria morar lá, com certeza, porque ele não vai deixar o país dele. Aqui no Brasil não é permitido casar-se com duas mulheres. Sinto muito, amiga. Mas isso é uma “viagem” para outra galáxia.

— Eu penso em todas as diferenças entre nós, mas meu corpo não... Eu sinto que existe algo a mais do que somente sexo... É muito forte. Eu acho estranho um homem ter duas esposas, mas para ele é normal.

— Tá bom. Pensa, Carla, e me responde. Você aceitaria dividir seu homem, seu marido, com outra esposa todos os dias da semana? O que você seria dela? Amiga? Colega? Só-

cia? É normal para eles de lá... Dá certo entre eles lá... A nossa cultura não está pronta, não aceita se quer que os maridos tenham umas simples aventuras amorosas com outras, isso estamos falando de uma noite ou algumas horas. Eu não aceitaria.

— Ele me falou de “ajustes” entre nós três. Deve ser uma espécie de organização, cronograma, divisão dos dias e noites, sei lá...

— Carla, eu gosto demais de você e não quero vê-la sofrendo mais do que já sofreu. Vamos sair amanhã e esquece essa proposta. Certo?

— Ele me pediu para não ficar com outros homens aqui no Brasil.

— Carla, você não tem mais vinte e poucos anos. Não tenho nada contra uma mulher madura e um garoto se tornarem namorados, ir além de noites de sexo sem compromisso, mas pensa nas outras diferenças que separam vocês. É comum no mundo deles se casarem com mais de uma mulher e ter com cada uma, seis, oito filhos. Possivelmente que ele vai ficar com outra, ou outras lá. Se tem uma coisa que eu tenho que admitir é que eles têm fogo e apetite sexual para mais de dez, vinte mulheres... Prova disso é o que você me contou que ele faz na cama com você. Deixou os meus garotos com notas baixíssimas e eu, com água na boca e de calcinha molhada... É natural que você se sinta muito apegada a ele e às suas propostas, mas pense primeiro em você. Tchau e beijos.

Skarlete me deixou na porta do prédio onde moro e ficou combinado da gente sair e “caçar” para eu esquecer o meu gato do Paquistão. Mas aquele homem com cheiro de cravo e

canela não saía da minha mente. O seu cheiro ainda estava nos meus cabelos, no meu corpo, não consigo esquecer a boca dele e o seu corpo.

No chuveiro, só pensava nele. Terminei o banho e adormeci, cansada da viagem, acordei com o barulho do “plin” do Messenger.

— Bebê linda... Você está aí?

— Estou preocupado. Fala comigo.

— Oi... Cheguei bem aqui no Brasil. Não falei com você, neném, porque cheguei muito cansada e acabei dormindo.

— Que bom que minha bebê chegou bem no seu país. Vai para o Skype, eu querendo ver você.

Mais uma vez eu atendi as suas ordens. Estava só de calcinha e não me preocupei em me cobrir.

— Aiii... Bebê linda... Assim eu enlouquecer aqui no Paquistão. Eu estou louco de saudades e agora estou muito excitado. Eu querendo você.

— Eu também só penso em você, meu gatinho da Ásia.

— Eu querendo que você tire a calcinha, minha bebê.

Sem recusar e meio que sem pensar, tirei a calcinha. Que homem é esse? Com esse poder de me transformar em uma mulher “promíscua”.

Não demorou e ele estava completamente nu.

Terminamos e só conseguimos jogar beijos com os lábios um para o outro. Fui para a cozinha pegar água e gelo, estava com muita sede. Voltando para o quarto, ouvi o celular. Ele estava no Messenger.

— Bebê, eu gostando muito de você. Não aceito que fique com outros homens aí no Brasil. Você é minha. Está escrito no meu coração.

— Meu gatinho lindo... E a distância? Não podemos nem sequer tomar café juntos. Eu sou lua e você sol.

— Se eu ser sol e você lua, é bom um depender do outro e a vida de tudo depende dos dois juntos. Que horas minha bebê toma café da manhã aí no Brasil?

— Não sei o que está pensando, meu lindo; eu tomo café da manhã às seis e meia, aqui no Brasil.

— Sim, bom... Vou te fazer uma surpresa.

Só enviou carinhas jogando beijos. E eu enviei um coraçãozinho. Às vezes ele me faz ter doze anos outra vez.

Eu gosto de me sentir com doze anos outra vez. Skarlete tem razão, é um romance sem futuro. As nossas diferenças podem nos distanciar a qualquer instante. Mas o que estamos vivendo é uma deliciosa loucura.

Estava almoçando com Skarlete, que com os olhos de gata faminta procurava sem parar suas presas. Vi pela TV do restaurante que havia acontecido um terremoto no Paquistão. Não sei o que aconteceu e nem como aconteceu, derrubei o copo de suco e os talheres.

— Carla! O que houve? Engasgou? Está pálida. — O garçom veio com um copo com água, pedido por Skarlete.

— Carla, toma um pouco de água. O que foi que você viu na TV? Eu não estava prestando atenção.

— Eu preciso falar com ele. Vou passar uma mensagem.

— Ele? — Skarlete não entendia o que estava acontecendo.

— Vi no jornal que aconteceu um terremoto no Paquistão que fez muitas vítimas.

— Carla, fica calma. Eu vou olhar no celular em qual local do Paquistão ocorreu o terremoto. — Skarlete começou a procurar no celular e eu tentava falar com ele.

— Oi... Você está aí? Fala comigo. Meu neném... Rarslan... Você está bem?

— Ele não atende, não responde...

— Carla, o terremoto aconteceu em Lahore, o seu gato mora em Islamabad. Calma! Vamos pagar a conta e sair para você tomar ar, respirar.

— Estou mais calma. O terremoto não foi na cidade dele. Mas eu não gosto quando ele não responde de imediato — resmunguei enquanto saíamos do restaurante.

— Amiga, eu só posso rezar por você, mas depois de ver você passar mal com a notícia de um terremoto no Paquistão, realmente o que está acontecendo entre você e esse garoto não é só um simples passatempo.

Skarlete falou me abraçando e completou.

— Não quero que se machuque. Já sofreu demais.

— Eu estou bem graças a você e vou continuar bem — falei para Skarlete, que me fez prometer que seria feliz.

— Promete que aconteça o que acontecer, você vai ficar e ser feliz. Vamos fazer o pacto do cuspe. É assim, olha... — Skarlete cuspiu no dedo e me fez cuspir também e depois grudar os nossos dedos.

— Ai que nojo! — Começamos a dar risadas.

À noite, estava assistindo o telejornal para saber mais detalhes sobre o terremoto no Paquistão, ouvi o “plin” do Messenger.

— Oi, bebê linda... Eu estou bem com as graças de Deus.

— Ai que bom que está bem, meu gatinho.

— Eu gostei que minha bebê linda sentisse preocupação por mim.

— Não sei o que sentiria se acontecesse algo de ruim com você, meu neném.

— Não vamos nos falar mais agora, bebê, porque nós, da faculdade, estamos indo ajudar os feridos em Lahore.

— Assim que terminarmos, eu falo com você. Beijos e fica bem, linda.

— Beijos. — Enviei um ramalhete de flores.

Ele não é uma pessoa má e não parece ter intenções ruins. Eu o acho sincero. Talvez o que me assombre e, de certo modo assombre também Skarlete, é o fantasma dos nossos casamentos fracassados. Às vezes eu penso que ela se tornou uma “caçadora” por medo de sofrer e passar por tudo outra vez.

Um dia e uma noite se passaram depois do terremoto em Lahore. Eu não quis falar com ele com receio de atrapalhar, afinal ele foi prestar socorro às vítimas do terremoto. Achei melhor esperar que ele me passasse mensagem ou me chamasse pelo Skype.

Não demorou mais do que isso, um dia e uma noite, e ele estava me chamando no Skype.

— Oi, meu lindo. Que bom ver que está bem.

— Oi, minha bebê linda. Preparei uma mesa de café da manhã aqui, mas aqui no Paquistão não é manhã, eu só quero acompanhar você no seu café da manhã.

Não acreditei, eu estava tomando café da manhã aqui no Brasil às seis e meia do início do dia e lá era aproximadamente 14 ou 15 horas, e ele me fez essa doce surpresa.

— Meu neném... Não sei nem o que dizer...

— Não fala nada... Vamos tomar o nosso café.

Tomamos café e eu falei que precisava ir para o trabalho, caso contrário, levaria uma bronca, e ele completou.

— Quando minha bebê linda for minha esposa, não vai precisar trabalhar. Você pode deixar tudo, todas as obrigações para mim. Minha bebê vai ficar em casa para ficar descansada e bela para me agradar e me fazer amado.

Não consegui nem responder, era como se aparecesse por trás dele um monstro enorme. O monstro das nossas diferenças.

— Beijos, meu príncipe paquistanês. Adorei tomar café da manhã com você. — Ele se despediu.

— Minha princesa está linda com essas roupas, mas eu prefiro você sem elas. Mais tarde espero minha bebê linda no Skype sem as roupas, como veio ao mundo.

Meu Deus! Onde isso tudo vai parar? Trabalhei o dia todo lembrando daquele rosto, boca carnuda, sobrancelhas grossas, olhos hipnotizantes e pele de neném.





CAPÍTULO VI

VICLADA

Não sei qual é o sentimento que existe entre o príncipe do Paquistão e eu, e para ser sincera comigo mesma, prefiro não saber, não pensar muito, só sei que é muito forte e gostoso de sentir.

— Carla, hoje é aniversário de minha prima. Vamos? Quem sabe não aparece por lá gatinhos. — Skarlete é sempre pura animação, produzida e com astral nas nuvens.

— Tá bom... Vou esperar você na entrada do meu prédio. As 19h, tá bom?

— Ótimo! Mas se produz. Nada de roupas que cobrem demais e nada de básico.

— Ok, Skarlete.

— Esquece um pouco o seu gato paquistanês e vamos “caçar” gatos brasileiros. Eles também são quentes e carentes. E estão aqui, podemos apalpar, pegar, morder... Ai, delícia!

— Só pode ser você, Skarlete.

Produzi-me toda, até porque Skarlete não sairia comigo se não atendesse aos seus pedidos e ficasse bem vestida e maquiada.

A festa estava animada, com pessoas jovens e com pessoas com um pouco mais de idade, mas nem dava para separar muito, estava bem agradável, pessoas elegantes, descontraídas e bonitas.

Skarlete já estava “caçando”, o que não faltou na festa de aniversário de sua prima foi garotões.

— Hoje, a noite promete. Carla, amiga, olha aqueles ali no canto conversando. O moreno é a minha “presa” preferida.

— Com certeza você o levará para a cama, está muito linda e sensual hoje.

— Se eu for embora com um gato, você também terá que ir com o seu, então embora “caçar” o seu. É uma ordem, Carla.

— Skarlete dá uma risada.

—Vamos dar um jeito de nos aproximar deles — incentivei Skarlete de nos aproximar deles, mas meu coração não queria nada disso, ele parecia não querer nenhum daqueles garotos.

Aproximamos-nos e não demorou, estávamos no canto da sala conversando como se já fôssemos íntimos, pessoas conhecidas deles há tempos.

Pela troca de olhares e mordidas nos lábios, Skarlete já havia ganhado o moreno; ele não tirava os olhos dela. Corria os olhos dos pés à cabeça e depois da cabeça aos pés, focando boca, seios e pernas. Skarlete sempre fazia questão de deixá-los mais sensuais ainda.

Percebi que o gato louro e tatuado procurava sempre ficar muito próximo e a todo instante colocava as suas mãos no meu ombro e chegou até tocar a minha cintura.

Se eu tivesse o poder de ver o meu futuro, teria saído correndo da festa ou talvez nem ido.

No meio dos garotos jovens e cheios de vida, papos de jovens, sorrisos largos, gentilezas com segundas intenções que terminam em sexo sem compromisso dá para sentir a vida que perdemos, que deixamos de viver casando-se muito cedo e permanecendo casadas e fingindo ser felizes.

Eu só não imaginava que esse momento que transbordava vida e juventude fosse me trazer tristezas, não adivinhei as consequências de deixar Skarlete e o garoto moreno tirarem fotos e postarem nas redes sociais. O garoto louro e tatuado me abraçou, e Skarlete tirou a foto e postou, me marcando.

Fotos são belíssimas, o único problema é que são perigosas e mentem muito. Para quem visualizasse aquela foto, só veria um casal, o que na verdade não existia.

Skarlete se despediu e foi para casa com a sua bela “presa”, o garoto moreno. Os outros dois garotos também se foram e o louro tatuado grudou em mim e sempre como quem não quer nada, colocava as mãos, que dos ombros e cintura evoluíram para as pernas, enquanto conversávamos sentados no sofá da sala. Simples e rápidos toques que dizem tudo. “Quero você na cama”, simples e direto.

Os convidados foram se despedindo e a festa foi terminando. E logo o belo garoto louro se ofereceu para me levar até o meu apartamento.

— Posso te levar em casa? Já é tarde e é perigoso para uma mulher bonita andar sozinha a essa hora da noite. — Ele sorriu e completou:

— Na verdade, a essa hora da madrugada.

No caminho para o meu apartamento, eu pensei em dispensá-lo, mas algo racional dentro de mim quis passar o resto da noite com aquele jovem. Eu pensei: “Vai ser bom eu experimentar esse louro diferente do gato do Paquistão”.

Ele realmente foi maravilhoso porque fechava os olhos e imaginava que o louro cheirava a cravo e canela e não a loção pós barba misturado aos aromas das batidas de frutas da festa, e que aquelas mãos que me tocavam eram do meu príncipe paquistanês. O louro foi embora e aí eu fiquei com um terrível sentimento de culpa, me senti muito mal.

“Eu o traí? Mas e se Skarlete tem razão, se ele fica com outras no Paquistão?” Nem pensando assim me fazia sentir melhor, a culpa só pesava mais.

— Vou chamá-lo pelo Skype... — falei baixinho. Pensei e achei melhor não.

“Vou passar uma mensagem pelo Messenger, não tenho coragem de olhar nos olhos dele”.

Se eu já estava mal, ficou tudo muito pior. Ele já havia visto a minha foto junto com o louro tatuado e no Messenger, ele estava furioso de ciúmes.

— Ai bebê linda, o que você fez? Eu te pedi para não ficar com outro homem aí no Brasil. Quem é ele? Você dormiu com ele. Ele pôs mãos e olhos no teu corpo. Eu estou muito magoado com você, bebê.

“Bebê, eu estou estudando como louco para terminar a faculdade para resolver a nossa situação e você, no Brasil, ficando com outro homem. Não quero falar mais com você. Eu não aceito isso”.

Foi como se eu tivesse levado um tapa no rosto, deixei minhas desculpas, mas ao que tudo indicava, o meu gato da Ásia não quis lê.

— Não é nada do que você está pensando. Meu gato paquistanês, me perdoa. Você é o meu neném. Não fico com outros homens aqui no Brasil. Você é o meu homem para sempre. Não faz isso. Fala comigo...

Dias e noites se passaram e ele não respondia as minhas mensagens em nenhum meio que usávamos para nos falar. Olhava a rede social dele todos os dias e nem lá ele estava aparecendo como de costume.

Eu me sentia como uma planta que não está sendo regada, estava murchando aos poucos.

— O que é isso? Que cabelo estranho, sem maquiagem. O que está acontecendo com você, Carla? Está doente? Está com olheiras e pálida.

— Ele não falou mais comigo desde a festa de aniversário de sua prima. Ele viu as fotos, eu e aquele louro tatuado.

— O gato do Paquistão não tem falado com você por causa daquelas fotos? Você contou para ele que foi para cama com o louro? Ahh não, isso até parece pretexto para se livrar de você. Eu sabia, eu te avisei.

— Skarlete, por favor! Não piora as coisas. Eu sinto falta dele. Eu não sinto fome. Não tenho sono.

— Você tem tentado falar com ele?

— Tenho... Deixo mensagens em todos os meios em que usávamos para nos falar e ele não responde.

— Ai, amiga... Desculpa... Vamos ao banheiro fazer uma maquiagem, vou prender o seu cabelo. Não pode se abater assim. Olha, eu acho que é birrinha, ele é muito jovem. Você vai ver. É só para chamar a sua atenção. Fazer você se sentir culpada. — Skarlete me ajudou a me maquiar, trançou meu cabelo, mas nada estava do meu agrado.

Na hora do lanche, eu estava sentada sozinha, eu e a minha porção de cravo e canela que passei a carregar na bolsa.

— Meu Deus! O que eu faço? Não posso viajar agora. E se eu chegar lá e ele estiver com outra ou outras. E se terminou tudo e se casou com uma ou várias mulheres.

— O que é isso? Carla, pare com isso! Está viciada em cheirar cravo e canela? Chega! Você está se fazendo mal. — Skarlete pegou a minha porção de cravo e canela e jogou no lixo.

— Estou muito mal. Nem sei o que eu estou sentindo. Já passei tantas mensagens que até cansei. Não pode... Talvez tenha acontecido alguma coisa de ruim com ele e coincidiu com o mal entendido das fotos.

— Carla, amiga, esquece, reage, não quero ser dura com você e lhe falar que talvez os pais dele descobriam e o proibiram de falar com você. Pode ser que ele esteja usando isso para colocar um final no relacionamento que não tem futuro.

“No final do expediente vou com você para o seu apartamento. Vamos levar cervejas e eu vou preparar um jantarzi-

nho para gente. Vou te dar colo. Eu quero que minha amiga Carla fique bem”.

Skarlete preparou o jantar, tomamos cervejas juntas e assistimos filmes. Ela estava fazendo de tudo para me animar, até me colocou para dormir.

— Dorme bem. Aqui, abraça o travesseiro e se cobre. Vai passar, vai passar, você vai ver. O calmante é fraquinho, mas logo você vai sonhar.

— Dorme bem, você também.

De manhã, não consegui levantar da cama, sentia muito frio e suava muito. Estava tremendo de bater os dentes.

— Carla! Vamos! O café está na mesa. Amiga! O que você tem? Está com muita febre.

— Me cobre com aquele cobertor. Eu estou congelando. Por favor, Skarlete, rápido, sinto muito frio.

— Não vou te cobrir. Anda, levanta e veste esse casaco aqui e vamos procurar um médico, agora. No caminho eu aviso que não vamos trabalhar hoje e justifico.

Já medicada na cama do hospital, o médico explicou para Skarlete que não havia nada de errado comigo fisicamente. Que era emocional ou eu estava com algum tipo de abstinência.

— Pra mim chega! Eu é que vou passar uma mensagem para “esse” fulano do Paquistão. Ninguém faz isso com a minha amiga. — Skarlete estava enfurecida.

— O que você vai fazer? Ele não lê as mensagens. — Com o meu celular nas mãos e rosto de brava, Skarlete respondeu:

— Deixei uma mensagem na sua linha do tempo.

— O quê? As outras pessoas também vão visualizar a mensagem — queixei-me.

— Carla, descansa e confia em mim, é pra ver mesmo. Eu disse “poucas e boas” e falei que homem que é homem não faz uma mulher ir parar na cama de um hospital por causa de umas simples fotos. Simples e mudas fotos.

Skarlete foi para o trabalho, o médico não me deu alta, disse que era para permanecer um pouco mais em observação. Estava deitada olhando para a parede do hospital e o celular fez o “plin” do Messenger. Fiquei até com medo de olhar, mas depois pensei que eu tinha que olhar, principalmente depois de Skarlete escrever desaforos na linha do tempo de sua rede social.

— Oi...Você está aí?

Por alguns instantes senti vontade de não responder, mas ao mesmo tempo, senti o meu coração aliviado. Ele insistiu.

— Desculpa... Não queria que você ficasse doente. Eu fiquei com muito ódio e ciúmes de você. Quase morri quando vi minha bebê linda com aquele homem “saradão”.

— Fala comigo, minha bebê...

— Oi... Já estou melhor. Peço que perdoe a minha amiga Skarlete por ter invadido sua rede social e...

— Não, bebê, ela é um anjo... Falou que você estava doente pra mim. Não vou mais ficar sem falar com a minha bebê linda. Vou deixá-la recuperar e depois quero vê-la bem linda no Skype. — Ele enviou um bonequinho segurando um coraçãozinho.

As suas mensagens me fizeram querer ir para casa, me produzir e senti que estava com muita fome. Skarlete chegou para me buscar, o médico me liberou. O gato do Paquistão tem razão, Skarlete é louca e anjo ao mesmo tempo. Ela me comprou um sanduíche enorme e me fez comê-lo todo.

— Come tudo. Esse é o melhor remédio que levanta qualquer adolescente da cama de um hospital.

— Não sou adolescente, mas mesmo assim, obrigada. Muito obrigada, minha amiga louca e doce.

— Vai ficar bem para falar com o seu gato do Paquistão pelo Skype. Falar e matar as saudades... Hummm...

Skarlete foi para a sua casa e eu achei melhor dormir um pouco para ficar com aparência saudável. Depois eu falo com o meu príncipe paquistanês pelo Skype. Estou louca de saudades e ele sabe disso.





CAPÍTULO VII

PAIXÃO X AMOR

Dois dias após eu sair do hospital, já estava bem e pronta para ouvir as loucuras de Skarlete.

— Amiga, descobri uma loja de roupas para dormir. Elas não cobrem nada. Eu quero dizer dormir “acompanhada”, ou fazer de conta que é para dormir. Eu vi uma no manequim que foi feita para você falar com o seu gato da Ásia. Hummm... Vermelha, toda de renda vermelha... Ele vai ficar louco.

— Tá bom, Skarlete. Mas agora vamos trabalhar. Depois vamos à loja de roupas sensuais para dormir.

— Ahhh, agora se interessa por roupas de dormir que não cobrem nada. Danadinha... Sério, Carla, o que você sente por ele? Ai, tenho medo de ouvir a resposta.

— Não sei... — Abaixei o rosto e parecia ter ido de repente para um deserto.

— Como não sabe? Excitação? Química? Amor? Paixão? Carla, você tem de sentir algo, só pode sentir algo e muito forte. Ninguém vai parar no hospital delirando de febre por não sentir nada por outra pessoa.

— Eu sei... Nem eu sei explicar o que eu senti ao pensar que não mais falaria com ele ou...

— Ou...? — Skarlete me questiona, e eu continuei com a cabeça baixa.

— Vou te contar algo... Ai, que vergonha... Senta aqui e segura esses papéis, faz de conta que estamos falando de trabalho. — Skarlete pegou um monte de folhas de papel e sentou-se próxima de mim.

— Conta. Estou esperando. Quer me matar de curiosidade?

— Calma... Depois que eu te contar, aí você me fala se isso é amor, paixão, amor e paixão, química e tesão, excitação ou um terrível feitiço de vidas passadas.

— Anda, Carla! Fala! — Skarlete falou alto e bateu os pés no chão, as pessoas a sua volta olharam e ela disfarçou.

— Psiu! Eu vou contar, mas é para ficar quieta e calada. Mexe nas folhas. Estão todos olhando. Eu fico nua para ele no Skype e...

— Aiiii... — Skarlete morde a flor de plástico da minha mesa e pergunta:

— E ele fica nu para você também? Continua...

— Fale baixo e solta meu girassol.

— A gente se... É... Nós fazemos amor pelo Skype...

— O quê? Como? Fala mais, já estou excitada. Hoje eu tenho que “caçar”... — Skarlete se abana com as folhas de papel.

— É... Ele faz de lá e eu faço daqui... Entendeu? — falo baixinho para Skarlete, que deixa as folhas caírem no chão e volta a morder a flor de plástico.

— Solta... Para... Eles estão olhando... Se não parar, não vou falar mais nada com você — falei e novamente tomei o girassol de plástico da mão de Skarlete.

— Ele faz de lá no seu “elefantinho”... Quero dizer “elefantão” e você faz aqui na sua “borboletinha”? Ele é um bruxo, é isso. Só pode... Ele possui poderes de bruxo sobre você. E é bom? — Skarlete agora se abanava com a mão, passando a mão pelo pescoço e cabelos.

— É... É muito bom. Sentimos uma energia tão forte... Não suportaria ficar sem isso... E sem ele. Agora, o que é que está acontecendo entre a gente e com a gente? — perguntei para Skarlete que estava tomando a água do copo da colega da outra mesa.

— Tudo. Está acontecendo tudo com vocês. Amor, paixão, tesão, química, excitação, tudo junto — Skarlete respondeu, abaixei a cabeça e fiquei triste.

— O que foi? — Skarlete perguntou ao me ver cabisbaixa e triste.

— Só não posso esquecer que eu tenho mais de quarenta anos e ele só vinte e cinco, sem lembrar das outras diferenças... A distância é o menor problema.

— Você é linda! Gostosa e cheia de vida. É mais bonita e sensual do que muitas garotinhas por aí. Depois do que você me contou, eu cheguei a seguinte conclusão: Isso é amor de outras vidas passadas. E o que está acontecendo agora nessa vida não é um simples passatempo. Nem as diferenças vão ser fortes o bastante para separar vocês dois.

— Então por que ele parou de falar comigo depois de ter visto as fotos minhas com o louro tatuado? Se você não posta a bronca na linha do tempo da rede social dele, penso que nunca mais ele iria falar comigo.

— Carla, amiga, ele ficou com ciúmes. Foi uma reação comum de homens com ciúmes. Ele estava esperando você se humilhar e falar que gosta ou o ama. Você não percebeu que foi só eu dizer que você estava doente por ele e logo ele apareceu?

— Não sei não... Pode ser amor de minha parte e só paixão e tesão da parte dele. É comum na idade dele — falei com o olhar baixo.

— Não... Acho que ele também se apegou a você de maneira especial, ao contrário, não estaria nem aí com as fotos suas com outro cara. Quer um conselho? Viva e se sinta viva. A vida é sua. Você merece ser feliz depois de ter sido infeliz por muito tempo — Skarlete falou, foi para a sua mesa e completou, deixando-me com vergonha.

— E não se esqueça, vamos à loja comprar roupas sensuais.

E comprei mesmo, a roupa que estava no manequim era supersensual, pura renda vermelha. Comprei pensando na

nossa noite pelo Skype, embora ele sempre me pedisse para tirar tudo, mas mesmo assim, quis me produzir para o meu príncipe do Paquistão.

Coloquei a calcinha e o babydoll de renda vermelha, deixei os cabelos soltos e calcei uma sandália de salto alto de cor preta. A sandália era para valorizar mais ainda a sensualidade. Assim que me olhei no espelho, me senti a mulher mais sensual e quente do mundo. Não demorou muito, estávamos falando pelo Skype.

— Bebê linda... Não sei o que falar... Você é uma deusa desconhecida... É isso... Minha deusa linda.

— Você é meu príncipe. Meu belo príncipe. Hoje, eu ordeno e você me obedece. Certo? — falei com segundas intenções.

— Bebê?! Tá bom. Só hoje eu deixo você mandar.

— Quero que meu príncipe fique nu. Tire suas roupas. — Ele me obedeceu e não demorou, estava sem suas roupas. Ele é que é um deus ou um bruxo.

— Bebê linda, e você? Está linda, uma deusa, mas quero que tire as suas roupas devagar. Fique só com o colar que está usando.

— Só tiro minhas roupas se você me mostrar o seu “elefantinho”. Tô louca de saudades dele. — Pensei: “Céus quem sou eu? De onde tirei coragem para isso?”

Ele obedeceu e mostrou enquanto eu tirava as minhas roupas bem devagar. Lembrei de ter lido em algum lugar que é uma arte de valor inestimável uma mulher se produzir e

depois se despir para o seu amado. Era isso que eu estava fazendo, a arte de me despir para ele.

— Passa a mão pelo o seu corpo, bebê linda, eu quero sentir — ele me pediu com a respiração ofegante.

Não demorou, eu estava no chuveiro frio me esfriando, pois parecia ficar mais excitada ainda depois dos nossos encontros ardentes pelo Skype.

Fui para a cama enrolada de toalha, e no Messenger tinha uma mensagem dele com uma figura de rosinha.

— Minha bebê linda, minha deusa de vermelho, eu pensando em ir ao Brasil ver você. Se não for ao seu país ver você, vou me tornar interno num hospital psiquiátrico. Eu te quero para sempre.

Só enviei um coraçãozinho para ele. Nem tive palavras.

Adormeci como uma adolescente, com um sorriso nos lábios e outro no coração e uma felicidade que não cabia dentro do peito.

Sonhei com ele; no sonho, o meu coração parecia saltar do peito. Ele estava lindo, como um príncipe. Acordei e pensei: “Skarlete tem razão mais uma vez,, o que importa é que eu me sinto viva e feliz. Eu quero que ele venha ficar comigo aqui, é o que eu mais quero”.

Fui para o trabalho mais feliz do que nunca.

À noite, vou perguntar quando ele vem para eu preparar tudo para recebê-lo. Preparar a minha casa e eu também.



CAPÍTULO VIII

DEGRAUS

Providenciiei trocas de cortinas, comprei algumas peças para a decoração, tentei colocar felicidade na minha sala e um ar de paixão no meu quarto.

E agora vou convidar Skarlete para me acompanhar no salão e quem sabe, até a uma clínica de estética.

Eu li numa revista de moda que aos quarenta, qualquer tratamento ou maquiagem que rejuvenesça uns dois meses já faz a diferença.

É isso, embora eu ainda não esteja precisando de tratamento estético, quero ficar muito bem para esperar o meu príncipe do Paquistão.

Às vezes me acho ridícula e peso que não tenho vinte e poucos anos, depois é só olhar para o rosto dele que o pen-

samento é o seguinte: “E daí que eu não sou mais uma jovemzinha?”

À noite, falei com ele por Messenger. Perguntei quando poderia esperá-lo no Brasil e ele disse que no final de semana estaríamos juntos, fazendo deliciosas loucuras. Apressei e preparei tudo para a sua chegada e dei um jeito de ficar uns dias de folga do trabalho. Skarlete me deu cobertura e assim deu tudo certo. Ele é mesmo diferente, não quis que eu fosse até o aeroporto para esperá-lo. Assim aumentou ainda mais a minha ansiedade. Confessei para mim mesma que estava louca para tocá-lo, para beijá-lo.

— Não, bebê linda, eu quero que você espere sim, no seu apartamento. Eu vou até você.

— Mas meu lindo, eu quero buscar você, matar logo a saudade. Por favor, Rarslan — implorei.

— Não é assim que as coisas funcionam, bebê. Eu pedindo para você esperar que eu irei até você. Eu gosto assim.

Como sempre, o pedido dele soa como ordem e eu obedeco.

— Tá bom. Estou te esperando, meu lindo. Se cuida, eu fico preocupada, se acontece algo de ruim com você, meu príncipe, eu nem sei...

— Sabe que os anjos protegem os apaixonados? Eu vou chegar bem. — Ele enviou uma carinha jogando beijo e eu fiz o mesmo.

Skarlete me ajudou a comprar roupas e para o primeiro dia, ela me fez comprar um vestido longo, mas com a parte de

cima muito sensual, bem decotado na frente e costas e com alças finas.

— Esse é para o primeiro dia, o dia da chegada dele — Skarlete falou colocando o vestido na minha frente.

— Não é muito decotado? Mais um pouco e o decote mostra a calcinha nas costas e na frente, qualquer movimento os meus... Você sabe, ficam à mostra.

— Perfeito! Minha querida e ingênua Carla, é um vestido fácil de ser levantado e fácil de abaixar as alças.

— Skarlete! O que mais passa pela a sua cabeça?

— E agora vamos ver a calcinha para usar com essa maravilha de vestido.

“Mostra-me, meu bem, uma calcinha transparente de pura renda” — Skarlete pede para a vendedora e completa:

— E depois vamos à depiladora, já deixei o horário reservado. Nada de um pouquinho de pelo no meio. Nada! Ouviu? A “borboletinha” vai ficar lisinha. A depiladora é ótima.

— Que lindo! Vai para a lua de mel? — a vendedora pergunta e mostra umas calcinhas que o único lugar com tecido é o fundo.

— Não... — respondi com dificuldade.

— Não é a lua de mel deles, querida, é a lua de sexo. Aii... Fico até arrepiada.

— Para com isso, Skarlete. Fico com vergonha.

— Carla, meu bem, não precisa ficar com vergonha de ser mulher, gostosa e muito feminina.

— Desculpa, mas a sua amiga tem razão. Você é muito bonita. Olha essas calcinhas aqui com lacinhos dos lados, são

para serem desamarrados. Lindas, práticas e eles adoram — a vendedora falou mostrando umas peças.

— Menina, são lindas! Eu quero para mim também — Skarlete fala separando umas calcinhas.

— Quero que venha jantar comigo e com ele. Vocês precisam se conhecer — falo para Skarlete, que logo dá uma bronca.

— Nada disso no primeiro dia. Nada de convidados para o jantar. Meu bem “um é o jantar do outro”. E nada de irem pelo elevador, eles têm câmeras de segurança. Conselho! Dá uma desculpa para ele, diz que os elevadores estão com defeitos e vão pelas escadas. Costumam ser escuras e não tem câmeras de segurança.

— Escadas? — pergunto.

— Carla, que mundo você habita? Ele não vai aguentar esperar chegar no seu apartamento. É por isso o vestido fácil de tirar e a calcinha fácil de desamarrar.

— Só você, Skarlete...

— Conselho sério! Se não quiser ser vista nua pelas as câmeras dos elevadores, inventa uma desculpa para o seu gato da Ásia e vai pelas escadas.

Talvez Skarlete tenha razão, às vezes as suas loucuras dão certo. E até que não seria assim tão ruim... Comecei a imaginar aquele garoto com corpo de homem, aquele aroma de cravo e canela com aquele vigor todo me despindo nas escadas... E...

— Carla! Carla, o que foi? Paga a compra. — Acordei dos meus pensamentos para pagar a compra.

Coloquei as roupas escolhidas por Skarlete para o primeiro dia dele aqui no Brasil. Antes, pedi para o porteiro me

avisar assim que ele chegasse. Queria ir ao seu encontro, confesso que a ideia das escadas me fascinou.

O porteiro me avisou que havia acabado de entrar no prédio um jovem de óculos escuros com uma enorme mochila do lado.

Desci rápido e não me contive assim que ele, com aquele ar jovial, correu para o meu lado. Eu também fui ao seu encontro como uma garota de vinte anos.

Depois do longo e ardente beijo, achei conveniente usar as escadas.

— Vamos ter que usar as escadas. Acabei de ficar sabendo que os elevadores estão em manutenção — falei sem notar que o porteiro estava nos observando.

— Senhora Carla, acho que está enganada, não é hoje o dia da manutenção nos elevadores, é...

— É hoje sim... — falei alterando a voz, mas depois abaixei a voz e completei:

— Acho que deram uns problemas, é um caso extraordinário... — falando isso, o mexeriqueiro do porteiro foi para o lado dos elevadores.

O meu príncipe com cheiro de cravo e canela segurando a minha mão, esperando que eu o conduzisse e foi isso que eu fiz.

Não me canso de dizer que Skarlete tem razão, as escadas sem câmeras, desertas e meio escuras.

Ele agiu como se estivéssemos combinados. No meio do caminho, desceu a sua mochila e encostou-me no corrimão e logo a parte de cima do meu vestido desceu e a parte de

baixo foi levantada. Enquanto acontecia aquele momento de loucura, parecia habitar outro mundo, não liguei se aparecesse alguém, era como se no nosso mundo quente de desejos existíssemos somente nós dois.

Depois que terminamos, ele me ajudou a me recompor primeiro, me ajudou a amarrar os lacinhos da calcinha e levantar as alças do meu vestido e depois eu o auxiliiei com os botões de sua camisa.

Estávamos com tanta saudade que as palavras não saíram de nossas bocas, elas se transformaram em beijos, leves mordidas, toques, carícias, movimentos e respirações ofegantes.

Passamos da porta do meu apartamento para dentro; eu apresentei tudo e disse que era para colocar a sua mochila no meu quarto, que agora por uns dias, era o nosso quarto. Ele adorou a vista da sacada.

— Você está linda como sempre, bebê.

— Não estou não. Você me desarrumou toda, meu neném.

— Ah, bem que você gostou de ser desarrumada — ele falou e deu um lindo sorriso com aquela boca que me enlouquece.

— E eu seria doente se não gostasse.

Eu o abracei e perguntei:

— Está com fome? Sono? Quer tomar banho?

— Comi algo no avião. Quero banhar você, bebê. Eu gosto de banhar você, bebê.

— Tá bom, meu lindo. Mas eu quero que me dê banho sem as suas roupas.

— Espertinha! Querendo que eu fique nu para banhar você. Vamos...

Agora o nosso mundo cabia entre as quatro paredes do banheiro. Esquecemos do tempo. E ele com todo carinho passava a esponja no meu corpo e depois deixava a água deslizar. Eu fiz o mesmo com ele. Enquanto passava a esponja pelo corpo dele, pensava: “Ele parece que foi esculpido. É uma obra de arte”.

Depois jantamos, já sei o que ele gosta de comer. Preparei arroz, carne assada e salada. No seu país eles gostam de arroz e carne assada. Não sei se realmente estava bom e se ele quis ser gentil. Não parou de elogiar e dizer que estava uma delícia.

Após o jantar, perguntei se gostaria de sair, passear, conhecer o meu país.

— Eu gostar muito de conhecer o seu país, só que hoje não. Amanhã nós vamos passear juntos. A noite de hoje nos enfeitiçou. Somos só dela, eu e você.

— É... A noite é uma bruxa... — falei entre os seus braços.

— É sim, a noite é uma feiticeira e está exigindo que vamos nus para o seu quarto e de lá, só nos permite sair amanhã, quando for dia.

— Então só nos resta obedecer à noite — falei beijando-o.

E se a noite é uma bruxa ou feiticeira, não sei, mas nós dois estávamos enfeitiçados de tanta paixão e vontade de ficar um com o outro. Dormimos já amanhecendo e assim que acordei, fiquei assustada. Ele não estava na cama. Coloquei o roupão e saí a sua procura.

Ele estava enrolado com uma toalha da cintura para baixo preparando o café da manhã.

Não me contive, sorrindo como uma boba, fiquei observando-o até que ele me viu.

— Bom dia, bebê linda. Senta aqui. — Puxou a cadeira para mim e sentou se também.

Serviu-me de café e se serviu. Evitei fazer caretas, mas o café estava forte e amargo, horrível.

— Tá bom, linda?

— Nossa! Delícia como você.

— Vamos passear e depois, à noite, quero que conheça Skarlete, minha melhor amiga. E assim coloquei um maiô vermelho, short, rasteirinha e saímos.

Que desastre o nosso passeio. Não fiquei zangada com ele. Gostei de vê-lo com muito ciúme.

Chegamos ao clube, após apresentá-lo para as pessoas, fomos para as cadeiras de tomar sol. Ele se recusou vestir sunga, bermuda ou qualquer roupa de banho. Céus! Assim que abaixei o short e fiquei só de maiô, ele se levantou rápido e veio me cobrindo com o seu corpo.

— O que é isso? Meu Deus! Bebê linda ficou louca?

— O que foi, meu lindo?

— Mulher não pode mostrar o corpo para outros homens quando o seu homem já o viu, beijou e fez carinho nele — ele disse isso com ar de zangado, me entregando o short para vestir.

Como sempre eu o obedeci.

— Tá bom. Não vou ficar só de maiô. Calma!

— Eu toquei, beijei seu corpo, ele agora pertence aos meus olhos. Bebê linda, nunca mais fique desnuda ou seminua na frente de outros homens. Promete? Você tem de prometer.

— Prometo. Então vamos para a lanchonete.

Convidei-o para ver se ele se descontraía. Almoçamos no clube, passamos no supermercado, fizemos compras para preparar um jantar para Skarlete. Outro desastre.

Depois que se cumprimentaram e sentarmos à mesa, os dois ficaram disputando a minha atenção. Achei natural e até dei risadas do ciúme dos dois. Skarlete se foi e antes de sair, à porta para fora, me deu conselhos murmurando. Disse que agora poderia ficar nua para acalmá-lo.

— Tchau, Skarlete. Beijos e juízo.

Pensei: “Nem vou perguntar para ele se gostou de Skarlete”.

— Bebê, onde se compra sorvete aqui perto?

Estava ajeitando a cozinha, me virei e pensei: “Ele é tão jovem que quer sorvete a essa hora”.

— Logo no final da rua. Espere, eu vou com você. — Guardei os pratos e ele respondeu:

— Não quero que você vá comigo, linda. Eu buscar sorvete sozinho. Eu querendo que você coloque roupas de dormir.

— Tá bom, mas tome cuidado.

— Eu sei me cuidar, bebê. Faz o que eu pedindo. Eu volto rápido com o sorvete. Vem até a porta para trancá-la.

Tomei um banho rápido, vesti o roupão e estava escolhendo um dos babydolls para vestir, ele tocou a campainha da porta. Fiquei nervosa porque ainda não havia me vestido. Ele tocou a campainha pela segunda vez. Foi aí que vi um conjuntinho branco escolhido por Skarlete. Era perfeito, não

cobria nada e ainda tinha uma liga para botar nas coxas. Soltei os cabelos, passei batom vermelho, calcei uma sandália de salto branca, tirei o roupão e vesti tão somente a liga de renda na coxa. Pensei: “Dessa vez superei Skarlete”.

Usando apenas um colar de pérolas, a liga em torno da coxa, de sandálias brancas de salto alto, abri a porta. Sem palavras, ele entrou rápido, me pegou nos braços e com a lata de sorvete fomos para o quarto.

Enquanto ele retirava as minhas sandálias beijando os meus pés, cantava no idioma árabe. Não entendia uma palavra, mas tudo estava combinando, o som da sua voz com as porções de sorvete espalhadas pelo meu corpo me deixaram embriagada e sem razão naquele momento. Enquanto acontecia, eu pensava que não podia mais viver sem ele. Não consigo ficar sem esses momentos de magias que só ele sabe proporcionar.

O dia amanheceu e estávamos os dois e os lençóis grudados de sorvete. Mesmo assim resolvi deixá-lo dormindo e fui tomar banho. Preparei o café, peguei uma tigela de morangos e estava sentada no tapete da sala lendo o jornal e comendo morangos.

— Bom dia, linda! O que está comendo?

— Morangos. Senta aqui do meu lado — pedi, colocando morango na sua boca.

— Eu tenho que voltar para o meu país, bebê. Tenho que voltar por causa da faculdade. Não gosto da dor de separar de você, bebê linda.

— Eu também não gosto de pensar que vai ficar distante de mim, do outro lado do globo terrestre — falei enquanto ele me deitava no tapete e abria o meu roupão.

— Vem comigo para o meu país. Lá nós unimos a força de nosso amor e vencemos tudo. Assim ficamos juntos para sempre. — Ouvindo-o falar parece simples, mas infelizmente não é tão simples. Ele me deu morangos na boca e depois me beijou. Esmagou um morango nas mãos e passou nos meus seios, em seguida beijou-os, retirando a poupa da fruta. Senti que ele estava se despedindo. Não era um adeus. Senti que nossos espíritos se tornam um só no momento de fazer amor. E dessa vez ele entrelaçou os dedos nos meus, segurando a minha mão com força, parecia querer arrancar a minha alma. Quando terminamos, senti vontade de chorar. Fazendo-me de forte, fiz as palavras saírem de minha boca.

— Não podemos ainda. Não posso ir ainda com você para seu país. Você tem de terminar os estudos.

— Eu fico lá com sofrimento, eu fico com ciúme de você, bebê linda.

— Não precisa sofrer com ciúmes, meu lindo.

— Você não fica com outros homens aqui, nunca.

— Não vou ficar com ninguém. Eu só penso em você. Só tem Rarslan na minha cabeça e coração.

— Eu tenho Carla no meu coração.

— Vou te levar no aeroporto.

— Não quero que me leve no aeroporto. O momento vai ficar triste demais. Quero que se vista e me leve só até o táxi, aqui na porta. — “Se essa paixão é um capricho dos deuses, eles são cruéis demais”, pensei.

Ele se foi. Fiquei olhando o táxi levá-lo para o aeroporto com um aperto na garganta e no coração.

Fui para o meu apartamento, que mais parecia um cemitério de tão nebuloso. Tudo tinha o cheiro dele, o seu jeito impregnou o lugar.

Chamei Skarlete para ficar comigo, parecia que ia desfalecer de tanta tristeza. Estava sentada no sofá com as luzes apagadas. Só senti Skarlete me abraçar

— Ei... O que foi? Amiga...

— Ele foi embora... — Custei a falar.

— Preste atenção no que eu vou falar. Ele foi embora do seu apartamento, do seu país e não do seu coração. Eu tenho certeza que você foi com ele dentro do seu coração — Skarlete falou me abraçando e completou.

— Isso que vocês estão sentindo um pelo o outro é muito bonito e forte, é invejável. Você tem de ficar feliz por isso e não triste. E o que parece é que as diferenças só tornam essa paixão mais forte. Você vai até o país dele. Agora vamos pedir uma pizza e comer como duas meninas, pegando a pizza com as mãos com bastante ketchup e maionese.

— Posso te falar mais uma coisa?

— Claro. Amiga é para essas coisas.

— Ai de mim se não fosse a minha amiga, maluca Skarlete. Já estou melhor. Vamos escolher o sabor da pizza. Eu pensei mal, posso esperar para falar com o meu gato da Ásia por Mensagens ou Skype.

Preciso saber se chegou bem no seu país.



CAPÍTULO IX

CIUMES DO SOL

Domíngo de sol, não sei o que me deu, mas o dia estava tão lindo que resolvi tomar café da manhã na sacada e parece que o sol me convidou a abrir o meu roupão e deixá-lo brilhar sobre o meu corpo.

Enquanto tomava café, os raios do sol banhando meu corpo, eu tentava falar com o meu gato do Paquistão pelo Skype.

Eu sei que eu sou lua e ele sol, que no seu país agora é noite por causa da diferença de horário. Eu estou com muita saudade, pensei: “E agora eu quero ser a lua da manhã”.

— Oi, linda...

— Oi, meu príncipe...

— O que é isso, bebê? Está nua?

— Sim... Estou tomando sol na sacada.

— Você ficou louca? Eu não te disse que não pode mostrar seu corpo para outros homens. Só eu posso ver o seu corpo.

— Meu lindo, não tem ninguém aqui.

— E os prédios? Bebê, pode ter homens olhando você, pondo olhos onde eu beijei, fiz carícias, não aceito isso.

— Não tem homens pondo olhos no meu corpo, só o sol pondo os seus raios no meu corpo. Não existem motivos para o meu neném ficar zangado.

— Eu estou furioso com você, bebê. Não quero mais falar com você. Eu vou te dar o troco, vingar de você. Eu vou ficar com outra mulher...

Falando isso, ele se desconectou e não mais me atendeu. Não podia imaginar que ele fosse sentir tanto ciúmes.

— O que eu faço? Peço desculpas por eu não ter feito nada de errado. Me ajuda, Skarlete.

— Você tem de tomar mais cuidado. Ele tem costumes diferentes dos nossos e é muito ciumento. Não deveria ter falado com ele nua na sacada.

— Mas não vi nada demais.

— Carla, amiga, ele tem razão, os prédios são próximos, alguém pode sim te olhar nua.

— Skarlete, e agora? Ele não fala comigo já completam quatro dias. Nunca ficou tanto tempo sem falar comigo.

— Continue tentando falar com ele. Deve ser mais um capricho de homem ciumento.

— Será? Eu vou deixar um pedido de desculpas e mimos no Messenger. Quem sabe assim deixa de fazer “birrinha”.

Fui para casa com a sensação de que lá faltava algo. Sentia sugada pela solidão. Tomei banho, jantei e fui para o quarto olhar no celular e lá estava uma mensagem que piorou tudo. Eu sei que não sou mais uma juvenzinha, mas fiquei com uma mistura de ódio e ciúmes assim que li as mensagens dele.

— É isso que você queria, bebê? Eu comprei sexo. Eu fiquei com uma mulher que vende carinhos e sexo. É isso que você merece, bebê, por ficar desnuda deixando outros homens por olhos no seu corpo. Comprei uma noite toda.

— Que ódio! Não vou responder. Agora eu é que não quero falar mais com ele. Que nojo!

Fiquei furiosa e o sono não veio. Mal podia esperar para falar com Skarlete, desabafar. Fui cedo tomar café com Skarlete e contar tudo para ela.

— Skarlete, ele é um cretino. Ele me traiu e ainda me contou tudo. Só faltou me contar os detalhes. Me traiu com uma...

— Carla, ele só fez isso porque estava com ciúmes de você. Homens não contam suas traições. Nem sei se o que o gato da Ásia fez com você pode ser visto como uma traição.

— Ahh, quer me falar que ele comprou, pagou uma noite toda de sexo e ficou lá o tempo todo sem gostar. Eu conheço o apetite dele. É claro que fez gostando. Skarlete, amiga, eu estou sentindo tanto ódio.

— Você está enganada, Carla. Não é ódio que está sentindo, é ciúmes e paixão. E se ele inventou tudo só para se vingar de você e te deixar mal?

— Não. Ele não mentiu. Ele realmente ficou com uma mulher. Se fez isso só para me deixar mal, ele conseguiu.

— Carla, se eu fosse você daria o troco. Provocava o gato da Ásia até ele entrar em contato, nem que fosse para brigar. Arranje uma maneira de chamar a atenção dele e de deixá-lo furioso.

— Como? — pergunto para Skarlete.

— Já sei! Vamos para uma loja de biquínis e maiôs e no final de semana vamos para um clube.

— E...?

— Eu vou tirar fotos suas, nossas com os gatos e postar em todas as nossas redes sociais. Tenho certeza que de longe ele está dando um jeitinho de espiar você.

— Não sei não, Skarlete. E se a situação piorar?

— Conselho. Briga e depois “faz” pra ele no Skype. Mostra as marquinhos do sol para ele. Vai dar certo. Confie na sua amiga Skarlete.

Passamos o final de semana no clube entre amigos e garotos paquerando Skarlete.

Skarlete escolheu para que eu usasse um maiô muito sensual. E ela tirava fotos em todos os instantes e postava nas redes sociais.

A noite chegou e eu fiquei junto do celular, tablet e notebook, na esperança que o meu gato da Ásia falasse comigo, mesmo que fosse para brigar. — Acabei caindo no sono.

De manhã, observei que ele havia falado comigo pelo Messenger. Abri rápido para ler.

— Bebê linda, não faz isso comigo. Você desnuda outra vez no clube. Eu não gostar. Eu não sou desses homens que aceita os olhos de outro no corpo de meu amor. Você sabe que eu estou gostando de você.

— Você fez pior. Comprou sexo. Ficou com uma... E ainda me contou. Você me fez ficar mal. Senti ódio de você — respondi as mensagens e fui para o trabalho. Mostrei as mensagens para Skarlete.

— Viu? Ele viu as fotos. O tempo todo ele estava te espiando. Eu, Skarlete, sou especialista em capricho de homens ciumentos. Eu te garanto que à noite tudo vai ficar bem.

— Não sei... Ainda estou com raiva da história de comprar sexo e ainda me contar.

— Carla, você está no lucro. O gato da Ásia te contou sobre pagar por sexo, mas você não viu. E já ele, viu você desnuda no clube.

À noite ele falou comigo pelo Messenger, acho que está me castigando não falando comigo por Skype.

— Bebê linda, você foi culpada por eu ter comprado sexo. Você me obrigou quando ficou desnuda tomando sol na sacada. Eu não quero machucar você.

— Então fala comigo por Skype.. Ahh... Eu estou com saudades de você. Fala comigo. Eu não vou mais mostrar o meu corpo nem para o sol. Eu te prometo.

Não acredito que eu estou implorando perdão por algo que eu não estou errada, ao contrário dele. O que ele fez, sim, é algo para terminar com qualquer relação. Mas é isso que ele quer. O gato da Ásia quer me ver pedindo, implorando o seu amor. E é isso que eu fiz. Agora que eu estou mais calma, consigo ver um pouco de graça nisso tudo. Ele sentiu ciúmes do sol.





CAPÍTULO X

PECADORA

Às Vezes, à noite, fico olhando para o lado vazio da minha cama pensando se não seria mais fácil se os deuses colaborassem e nos unisse também os corpos, todos os dias, pois, os nossos espíritos já se tornaram único de tanta paixão que sentimos um pelo o outro.

O pouco tempo que ficamos juntos fizemos amor como se fôssemos insaciáveis, é como se quiséssemos de certa forma estocar beijos, as carícias, mas logo estamos loucos de saudades um do outro.

A vontade de tocá-lo é tão imensa que às vezes penso em sair correndo para o aeroporto e embarcar para Ásia, deixando tudo e todos para trás, sem pensar duas vezes. Nada substitui o toque, o abraço, o beijo quente, quando a saudade ataca nem mesmo fazer amor por Skype está nos conforman-

do. Como mulher apaixonada, já me peguei pensando se tanta paixão assim não é uma maldição ou uma expiação. Será que ele também pensa em mim enquanto está a sós na sua cama? Não sei o que o futuro nos reserva, só tenho certeza mesmo é que estou muito apaixonada por um garoto de apenas vinte e poucos anos. Como se a idade dele fosse a única diferença entre nós. O jeito é abraçar o meu travesseiro ainda com o cheiro dele e dormir. Paixão ou maldição, o que importa é o que nos uni e nos leva a fazer loucuras. Doce e malditas loucuras já me fizeram sentir uma pecadora como o dia em que posei nua da cintura para cima, só com uma toalha vermelha na cintura e enviei para meu príncipe do Paquistão, que implorava para me ver desnuda naquele instante.

— Linda... Muito linda, Bebê... Meu doce pecado.

“Eu sentindo a sua falta”.

— Eu também sinto a sua falta, meu lindo.

Ao amanhecer o dia, a primeira imagem que vem na minha mente é a do sorriso dele. O meu lado prático e real já me perguntou se não sinto solidão. Eu ouço os passos da solidão todos os dias e noites no meu apartamento. Não posso pensar muito, tenho que ler revistas, livros, porque ao contrário, a solidão me atormenta; a saudade dele me castiga e a paixão junto com as incertezas me deixam angustiada o bastante para passar o tempo fazendo fotos sensuais pensando nele. Faço poses no banho, me vestindo, maquiando, é como se posasse para ele. Doce ilusão é quando volto para a realidade e percebo que ele está do outro lado do globo terrestre. É tão distante que quando o sol brilha para mim, a lua brilha para ele.

Nós combinamos de nos falar a sós por Skype porque é um momento só nosso. É assim que namoramos, fazemos amor olhando um para o outro.

Estamos tão íntimos que fico só de roupão esperando ele me chamar ou então faço surpresas com roupas íntimas sensuais que visto só para ele.

— Oi... Como está a minha bebê linda?

— Oi... Com saudades de você meu gato do Paquistão.

— Está linda com essa roupa de renda branca. Posso ver seu corpo todo através dela.

— Me vesti assim para você, meu gato.

— Eu gosto muito quando minha bebê linda usa roupas íntimas só para mim, mas eu querendo que você tire as roupas agora. Tire bem devagar. Eu gosto de ver minha deusa Carla ficando desnuda.

E como sempre, eu obedeci, pois na magia do momento o pedido dele com aquela boca, lábios grossos, rosto jovem suava como uma ordem.

— E agora que estou nua, o que eu ganho do meu lindo?

— O que minha bebê pedir.

— Tire as suas roupas também.

— Eu obedeço você, linda.

A magia desse momento em que fisicamente estamos distantes, mas em espíritos tão próximos que nos levam a ficarmos exaustos. É tão misterioso mesmo nos amando por intermédio de uma máquina; eu sinto o cheiro de cravo e canela, o cheiro da pele e cabelos dele. Ele afirma sentir o aroma doce do meu batom.

Sempre que terminamos o nosso encontro pelo Skype, ele passa algo pelo Messenger, pois só conseguimos nos despedir com um olhar que diz tudo, é muito além disso, jogamos um beijo com os lábios um para o outro.

Após tomar banho, eu ouvi o “plin” do celular; como uma garotinha apaixonada, corri para ler a mensagem.

— Cada dia que termina, eu querendo que você venha morar aqui comigo. Só os dias e as noites são testemunhas de como penso em você a cada movimento dos ponteiros dos relógios.

Eu enviei para ele a figura de um ramalhete de flores.

É a coisa mais linda que já li em toda a minha vida e me fez pensar que não há ciência que explique e comprove o que eu sinto por ele. A nossa química é inexplicável.

Antes de adormecer, tomei uma decisão. Amanhã eu vou providenciar meu final de semana na Ásia. Eu preciso abraçá-lo, beijá-lo, tocar o seu rosto e corpo. A ansiedade por vê-lo perto de mim, me fez pensar que tomei uma decisão tardia.

“Eu sei é loucura, mas nem que eu chegue lá e fiquemos apenas algumas horas juntos e logo eu volto para o meu país, mas eu preciso e é o que eu vou fazer.”



CAPÍTULO XI

LOBA SELVAGEM

Skarlete não implica mais com as minhas viagens repentinas, me levou no aeroporto e com o seu jeito de louca adorável e falante fez muitas recomendações.

— Não vai esquecer de usar proteção sexual. Vai até o banheiro do avião e já veste aquela calcinha com cheiro de morango que eu te dei. Ele vai ficar louco.

— Skarlete, por favor! Psiu! As pessoas estão olhando. Eu fico com vergonha.

— Carla, meu bem, pergunta para elas se elas são felizes e têm fantasias sexuais. A maioria é infeliz e não tem fantasias sexuais.

— Meu Deus! Você só piora. Tchau, beijos até a volta.
—Beijo o rosto da minha amiga Skarlete, que coloca uns preservativos nas minhas mãos.

Balançando a cabeça e sorrindo, embarquei para o país do meu gato da Ásia. No aeroporto do país do meu amado, tomei um táxi para o hotel, que já estava acostumada a me hospedar. Enviei uma mensagem para avisar a meu príncipe encantado da minha chegada.

— Oi, lindo...

— Já cheguei. Estou no hotel de sempre. Estou louca de saudades de você, meu neném. Não demore.

Tomei banho com um sabonete que Skarlete me deu; ela disse que os cheiros de castanhas com flores impregnam a pele e o local, aumentando ainda mais a vontade de fazer amor. Não acreditei e penso que Skarlete tinha razão mais uma vez, ela não estava brincando. Ela disse que é um sabonete especial feito para os amantes e que por isso é afrodisíaco.

Ele não pode demorar mais nem um minuto. Coloquei a calcinha com cheiro de morango e apenas o roupão do hotel. Passei o batom preferido dele de cor vermelha com aroma de frutas, escovei os cabelos e senti certa confusão mental, como um impulso irracional, tirei o roupão e a calcinha, fiquei apenas com a sandália de salto alto vermelha para combinar com a cor de meus lábios.

Lembrei de Skarlete dizendo: “Quando você toma banho com o sabonete dos amantes, você se transforma em loba selvagem”. Estava tão excitada, mais um instante sairia nua pelas ruas a procura do meu gato da Ásia. Estava indo rumo à porta e fui salva pelo soar do “toque toque”. “Ele chegou”.

Como uma loba selvagem, senti o cheiro dele e logo que abri a porta, ele me tomou nos braços, com o pé fechou a porta,

logo o tempo passou a existir somente do lado de fora daquele quarto.

Perdemos a noção do tempo e da existência do mundo. Éramos só nós dois naquela cama, no nosso mundo.

Não conheço a sua família, não conheço a sua casa e não me importo com isso, nada me interessa, só ele com o seu cheiro de cravo e canela, sua virilidade quase irracional, seu peso, seus movimentos, beijos e palavras árabes sussurradas nos meus ouvidos.

Somos insaciáveis até a exaustão. Acordamos nus, agarrado um ao outro como se vivêssemos os últimos segundos de nossas vidas.

Acordamos juntos e ele me contou uma história milenar sobre o trigo e depois me disse que a semente do trigo coberta pela neve conserva a vida por mais de mil anos e assim, pode ainda germinar. Fiquei parada, olhando nos olhos dele assim que terminou a bela história sobre o trigo.

— O que eu quero dizer, bebê linda, é que o nosso amor é uma semente de trigo. Meu amor por você viverá mesmo depois que eu morrer.

— Não... Não fala isso... Pedi para que não falasse em morte e senti um arrepio.

— Eu pensei que estava falando algo bonito para bebê linda e que é a mais bela forma de falar que eu amo você para sempre.

Ele ficou meio decepcionado com a minha reação.

— Não é isso, príncipe. A história é linda. Só não quero que você fale em morrer. Quero que meu gato da Ásia viva para sempre.

— Se minha bebê pedindo, eu vou ser eterno para sempre só para a minha linda.

Eu o abracei forte como se não quisesse mais soltá-lo. Senti algo estranho, o meu coração disparou, quase saltou do meu peito e comecei a tremer.

— Calma! Eu estou aqui entre seus braços. Minha bebê linda não precisa ficar assim. — Ele disse me beijando toda.

Foram apenas três dias e três noites na “nossa” cama daquele quarto de hotel, não saímos nem para nos alimentar. Pedíamos que levassem as refeições até o limite do nosso pequeno mundo, a porta do quarto.

Infelizmente o tempo para só para nós dois quando fazemos amor e nos tornamos uma só pessoa.

Nesses três dias e três noites, cheguei à conclusão que se essa paixão louca e ardente, esse amor irracional que sentimos um pelo o outro é uma maldição, um capricho dos deuses, eu quero ser amaldiçoada eternamente.

Houve um momento em que busquei a sua mão que deslizava nas minhas coxas e segurei com força, apertei meus dedos entre os seus e numa confusão mental, em que o prazer gera a irracionalidade, eu senti que nós éramos um único espírito. Quando terminamos, eu pensei que ele tinha razão em comparar o nosso amor com a semente do trigo coberta por neve.

— Vamos fazer um juramento — fiz a proposta para ele, que estava abraçado ao meu corpo em silêncio.

— Como assim, bebê? Você quer que façamos um pacto? Um pacto de amor. É isso? — ele perguntou beijando a minha testa com ternura.

— Não. Eu quero que façamos um juramento. Eu acho que é mais forte e tem mais poder do que um pacto.

— Tá bom, bebê linda. Como é esse juramento?

— Aconteça o que acontecer conosco, o nosso amor será como o germe da semente do trigo — falei olhando nos seus belos olhos.

— Eu disse que nosso amor é a semente do trigo e não vai acontecer nada de ruim com a gente. O nosso amor é imortal. Eu sei disso. Agora vamos selar o nosso juramento. Eu quero que fique aqui deitada, nua, cheirando a pecado e eu vou preparar para minha bebê linda uma surpresa — ele falou, se levantou da cama sem se importar em se cobrir. Nesse instante, olhando para ele ao se afastar, eu pensei: “Ele é um deus. Talvez um deus que enfeitiça mulheres e por força de alguma magia encontra-se com elas a cada vida”... Meus pensamentos foram interrompidos com ele me pegando nos braços e me levando para a banheira. Como num ritual, ele me banhou, lavou meu corpo e depois me levou de volta para o quarto.

— Agora minha bebê linda deve se vestir; ao contrário, vai viajar de volta hoje para o seu país. Eu me banhar rápido para levá-la ao aeroporto. — Ele se afastou e eu me vesti, ele tem razão, eu tenho que voltar para o Brasil.

Na porta do hotel, eu parei enquanto ele chamava um táxi e novamente tive aquela sensação estranha. Eu o abracei forte enquanto ele correspondia.

— Não quero que me leve no aeroporto. É muito doloroso. Vamos fingir que eu vou ali comprar algo e já volto.

— Tá bom, bebê linda. Então vamos fingir que você vai à confeitaria. Eu vou ficar aqui e esperar. — Entrei no táxi e ele ficou me dando adeus com a mão e jogando beijos com os lábios. As lágrimas teimaram em escorrerem dos meus olhos e outra vez meu coração disparou, parecia querer dizer-me algo. A sensação estranha me fez chorar aos soluços. O taxista perguntava assustado se eu estava bem. Não conseguia responder, a minha boca não abria, eu só chorava e soluçava.

No aeroporto, o taxista que não falava o meu idioma falou em árabe e fez sinais de que tudo iria ficar bem. Paguei e agradei o gentil taxista.

Sentada a espera da chamada para o embarque, só lembrava do meu gato do Paquistão me dando adeus.

Pensei que dessa vez, nos nossos três dias e três noites, havia algo de diferente, não sabia o que era, era algo tão especial que não conseguia descrever. Talvez por isso esteja com a sensação estranha. Já dentro do avião, tentei lembrar dos nossos melhores momentos juntos. Foi uma forma que encontrei de despistar o que eu estava sentindo. Talvez saudade, ou vontade de ficar junto dele para sempre, ou quem sabe de não mais voltar para o Brasil. Não sei o que estava acontecendo, fazendo o meu coração palpitar tão forte a ponto de sentir falta de ar e pedir ajuda para a aeromoça. Um rapaz que disse ser médico veio ajudar. Mas ambos acharam que era fobia de altura, medo de avião.

Mas mesmo sem saber ao certo o que se passava, conseguiu me acalmar. Acordei ao pousar no Brasil, eu e minha sensação estranha. “Skarlete não demora, vai aparecer e vai

me divertir com as suas histórias de conquistas e paqueras, seus garotões com skates, surfes e logo isso vai passar”, pensei com certa esperança. Fui até o banheiro do aeroporto, molhei o rosto, respirei fundo e pensei: “Estamos apaixonados e nada e nem ninguém é tão forte o suficiente para nos separar. Tenho que lembrar da história da semente do trigo coberta de neve. Ele a comparou ao nosso amor. Vou pensar que não vai demorar nós vamos estar juntos outra vez e enquanto isso vamos fazer amor pelo Skype, falar por mensagens e redes sociais. O nosso amor é indestrutível. Somos um só espírito.” Fiquei repetindo essa última frase para a minha imagem no espelho do banheiro até me sentir melhor.

— Somos um só espírito. Carla e Rarslan são um só espírito.

“Eu e meu gato da Ásia, somos um só espírito”.

“Gatos têm vidas longas e são superapegados”.

“Somos um só espírito. Espíritos têm vida eterna”.

“Não vou mais sentir essa sensação estranha”.

“Não quero mais sentir essa sensação estranha. Não quero!” — gritei desesperada.

—Vou pensar no nosso próximo encontro.





CAPÍTULO XII

FÚRIA DOS DEUSES

A sensação estranha não passou, às vezes ficava tão intenso que me pegava procurando algo, sem saber o que havia perdido ou esquecido.

Skarlete, com a sua doce loucura, tentava me despistar do semblante de quem estava preocupada com algo.

— Carla, que carinha é essa?

— Ai Skarlete, aquela sensação estranha não passa. Estou me sentindo mal.

— Eu tenho uma explicação lógica para tudo isso. Você foi até o país de seu gato da Ásia e um lado seu tomou a decisão de voltar para ele e se casar e ficar lá para sempre. O seu outro lado, o da razão, lhe arrasta para o labirinto das diferenças, não aceitação da família dele, distância cultural e o fato de ser ele muito jovem. Você está vivendo um conflito consigo mesma.

— Obrigada, Skarlete, mas ainda bem que não é psicóloga. Eu sinto uma sensação de perda.

— Você não perdeu nada. Amiga, vamos para uma pizzaria hoje à noite e tudo vai ficar bem. Se rolar um gato, você volta para sua casa de táxi. Eu pago o táxi para você. Nada que uma deliciosa pizza não cure — Skarlete falou animada.

— Tá bom, mas nada de gatos na minha jaula e nada de selfies para redes sociais. Você se lembra do problemão que isso me causou. O meu gato da Ásia se transformou em um leopardo furioso — falei fazendo um rosnado e mostrando as garras para Skarlete, que se afastou com algumas planilhas nas mãos.

A noite na pizzaria foi ótima. Não demorou e Skarlete estava saindo com a sua “presa”, um lindo gato de olhos azuis e pele cor de chocolate.

— Amiga, está aqui o dinheiro para o seu táxi como havíamos combinado. E eu já tirei a calcinha ali no banheiro — Skarlete cochichou no meu ouvido. Dei tapinhas na minha amiga, colocando o dedo nos lábios fazendo sinal de silêncio.

— Eu estou brincando. Eu gosto de deixar para eles tirarem. Exijo que tirem minha calcinha com os dentes e rosnando — Skarlete falou para alegrar Carla.

— Skarlete! Psill!

Skarlete foi embora com o seu lindo gato, tomei um táxi para casa junto à horrível sensação. Cheguei ao meu apartamento e chamei o gato do Paquistão pelo Messenger.

— Oi... Fala comigo... Está aí?

— Oi, bebê linda... Sim, estou aqui. Bebê linda está bem?

— Agora que falei com o meu neném, eu me sinto bem.

— Eu com muita saudade de minha bebê linda.

— Eu também estou sentindo muito a sua falta.

— Ai, linda... Não vou demorar, eu irei até o Brasil ver você, amar você a noite toda.

— Eu vou contar cada segundo do tempo.

Terminei enviando um coraçãozinho. Ele enviou um ramalhete de flores.

Assim que coloquei a cabeça no travesseiro, a sensação estranha deitou junto. Comecei a tentar descobrir o porquê de não estar bem e cheguei a uma muralha de pensamentos. Pode ser que no fundo eu não queira mais ficar longe dele e passar o tempo todo ouvindo os passos da solidão. Pode ser que a louca paixão se transformou em louco amor. Sem obter respostas, acabei adormecendo. Acordei e falei com Skarlete pelo celular.

— Carla, amiga, nós vamos procurar um terapeuta. Você não pode continuar assim. Eu vou pesquisar e descobrir um excelente terapeuta para você. Está bem? Até o trabalho. Beijos.

— Beijos.

“É verdade, eu tenho que procurar ajuda. Se não estou bem, é o melhor que eu faço. Às vezes Skarlete é racional”, pensei me produzindo para o trabalho.

Para me distrair, Skarlete me levou para lojas de roupas sensuais.

— Hummm... Que lindo! Moça, pode tirar essa aqui do manequim. Vamos levar — Skarlete falou com a gentil vendedora que logo veio nos atender.

— Você vai se fantasiar de noiva com esse véu, com esse vestido de noiva pouco abaixo da cintura? E cadê o resto? A calcinha? — perguntei para Skarlete enquanto a vendedora retirava a peça do manequim.

— Não. Eu não vou me fantasiar de noiva sem calcinha. Você vai fantasiar de noiva sem calcinha para o seu gato da Ásia. É o que você está precisando. É o meu presente para os dois.

— Skarlete! Eu sinto vergonha das vendedoras.

— Que vergonha?! Vai ficar linda, maravilhosa e ele vai ficar louco. Agora vamos ver a maquiagem. Tem de ser tons de rosa. Rosto ingênuo e da cintura para baixo puro pecado. É isso! Hoje o sistema de Skype vai ter pane mundial, vai pegar fogo. Vamos, Carla!

É, talvez Skarlete mais uma vez tenha razão. À noite, tomei aquele banho com sabonetes relaxantes. Coloquei a fantasia de noiva pecadora e fiz a maquiagem bem discreta, rosto bem ingênuo. Escovei os cabelos e coloquei o véu de noiva virgem. No início, me senti uma atriz de filme pornô, mas depois gostei assim que me olhei no espelho.

— Você está linda, Carla. Falei para o meu reflexo no espelho e chamei o meu gato da Ásia pelo Skype.

— Por Deus! Bebê, você é a coisa mais linda que eu já vi em toda a minha vida. Afaste um pouco e fique de pé para eu ver você melhor.

Como sempre, eu obedeci às ordens daquele deus.

— Aiii... Pode sentar, minha deusa má e linda. Eu não vestido à altura de uma bela noiva.

— Não há problema. Eu quero o meu noivo nu. Vamos completar a cena e tudo fica perfeito — falei.

— Bebê linda, querendo que eu fique desnudo. Minha bela noiva ordena e eu obedeco.

Skarlete se enganou, não foi o sistema de vídeoconferência que pegou fogo. Eu e meu gato é que pegamos fogo. Por alguns instantes queimamos nas labaredas dessa paixão ardente e inexplicável.

Acabei dormindo com o arranjo de noiva nos cabelos, o resto da fantasia estava próximo do computador. No trabalho, ainda com a sensação estranha, Skarlete atormentava para arrancar os detalhes do nosso encontro pelo Skype.

— Depois eu te conto. Skarlete, por favor! Eu sinto vergonha de lhe contar certas coisas. E aqui é o nosso local de trabalho.

— Ah, é assim? Se você não conta, eu imagino o que é bem pior... Humm... Deixa-me imaginar o que um jovem de vinte e poucos anos faria ao ver uma mulher madura, linda, fantasiada de noiva e nua da cintura para baixo.

— Skarlete! Pare! Depois eu lhe conto tudo. Prometo! Vamos trabalhar.

Consegui despistar Skarlete. Só não sei até quando.

Cheguei ao meu apartamento e a sensação estranha junto com a solidão foram minhas companheiras, pois não consegui falar com o meu gato da Ásia. Se não bastasse a sensação estranha e a solidão, agora estou preocupada. Todos os meios que eu usei para tentar falar com ele não deram certo.

Acabei adormecendo junto com o celular e o notebook. Tive o pior sonho da minha vida. Sonhei que estava no centro de Islamabad, capital do Paquistão e cidade do meu gato da Ásia; eu estava grávida com uma imensa barriga e eu vi as construções ruírem, caindo pedaços, vi também pessoas correndo, vi desespero e ouvi gritos. Com as mãos na barriga, eu gritava desesperada.

— Não!!! Não!!!

Eu senti o chão movimentar debaixo dos meus pés. Antes de acordar do pesadelo, eu ouvi a voz de Rarslan me falando sobre a duração da semente de trigo coberta por gelo. Despertei com um forte cheiro de cravo e canela que estava em todos os cômodos do meu apartamento. Cheguei a procurá-lo e chamar o seu nome, mas era somente o misterioso aroma, o cheiro dele. Produzi-me rápido para sair daquele apartamento e ir logo para o trabalho.

Agora, mais do que nunca sentia que havia algo estranho, não era somente uma sensação. No trabalho, não era difícil de notar que eu não estava bem.

— Carla! Carla! O que você tem? Amiga, a sua blusa está do lado avesso. Vamos até o banheiro. Vem!

Skarlete me puxou para o banheiro enquanto os outros colegas ficaram olhando para o meu estado com olhos de piedade.

Skarlete me ajudou a me arrumar, pentear os cabelos, vestir corretamente as roupas e aí contei do pesadelo e do forte aroma de cravo e canela por todo apartamento.

— Amiga, agora sou eu que senti um arrepio, vem, vou lhe dar um abraço. Eu não sei o que dizer ou fazer — Skarlete me abraçou e perguntou:

— Já tentou falar com ele hoje? Tenta. Quem sabe agora ele responde.

Rápido, peguei o celular. Vamos... E mais uma vez ele não deu nenhum sinal, não respondeu.

— Vai ver ele está no banheiro... Dormindo... Se vestindo. Skarlete não conseguiu disfarçar o nervosismo.

No horário do almoço, Skarlete me levou para um pequeno, mas aconchegante restaurante.

— Você está melhor? Come tudo o que você gosta. Sai da dieta sem culpa — Skarlete falou para me animar.

Sentamos frente à TV, que interrompeu a programação normal e deu uma notícia extraordinária. Fiquei sem ar, meus olhos ficaram escuros e só lembro de cair e puxar o forro da mesa com tudo que estava em cima.

Recobrei a memória no quarto de um hospital e agora tudo fazia sentido. Nos últimos dias, eu vivi uma “premonição” do futuro. A sensação estranha, até as histórias da duração da semente do trigo coberta de gelo, era tudo um aviso. Lembrei das imagens do jornal, de tudo que havia em Islamabad destruído por um forte terremoto, o qual os jornalistas afirmaram que os cientistas estavam chamando de “Fúria dos deuses”. Puxei o traveseiro cobrindo o meu rosto e chorei de soluçar. Pensei: “Seriam os deuses da nossa paixão os mesmos do terremoto que destruiu a cidade do meu amor. E ele? Será

que sobreviveu? Ou será que o forte cheiro de cravo e canela de manhã era o seu espírito me dando adeus?”

— Carla... Carla... Solta o travesseiro... Olha para mim... Não faz assim, eu vou chorar também... Solta o travesseiro, por favor. Skarlete falou com voz de choro enquanto puxava o travesseiro de cima do meu rosto.

— Carla, o doutor quer falar com você... Ai meu Deus, não sei se eu choro de tristeza ou choro de alegria, mas é que...

Olhei e Skarlete estava secando as lágrimas de seu rosto.

O médico ajustou o travesseiro abaixo da minha cabeça. Foi aí que observei que estava tomando soro com medicamentos num braço.

— Carla, escuta o doutor... Ai, eu vou chorar também...

— Senhora Carla, peço que tente se manter calma, sem fortes emoções, eu sei que em certas circunstâncias da vida, é quase impossível, mas eu quero que faça isso pelo bebê.

Skarlete abaixou a cabeça até a minha barriga e se debulhou em pranto.

— O que eu quero dizer é que a senhora está grávida, aparentemente, apesar de ter desmaiado, parece que está tudo bem com a criança. Nós vamos fazer o acompanhamento do desenvolvimento do bebê e tudo vai ficar bem. Por isso tente se manter calma, serena, o que importa agora é a vida do seu bebê. Pense nisso, senhora Carla.

O médico terminou de falar e se retirou do quarto.

— Desculpe amiga, eu não estou ajudando muito. Não se preocupe, eu vou estar sempre aqui para apoiar você no que

precisar. Eu exijo ser a madrinha do “nosso’ bebê” — Skarlete falou secando as lágrimas dos olhos.

Não conseguia falar, só pensava nele, nos nossos momentos e como fez para me avisar que não estava bem. Eu sei que ele não está mais aqui entre nós, os vivos, mas quem sabe não está entre os deuses ou anjos em um lugar desconhecido, fora do alcance da mente humana. Eu vou tentar ficar calma e estou feliz por ter dentro de mim a semente da nossa ardente paixão e de nosso eterno amor. Se esse encontro nessa vida foi um capricho dos deuses, tenho certeza que num futuro distante vamos novamente nos encontrar. Não poderia ser diferente, tinha que acontecer e onde ele estiver, está sabendo que eu vou zelar pela nossa semente que está dentro do meu ventre. Semente que foi plantada com muita paixão e amor.

Não vou excluir as suas redes sociais porque no cantinho do meu coração, eu queria que ele aparecesse para pegar nos braços o nosso bebê. O meu lado emoção queria muito que tudo se revertisse e que não tivesse ocorrido o terremoto, mas o meu lado razão sabe e sente que ele não está vivo em matéria. Pensando assim, entrou uma leve brisa pela janela do quarto e trouxe cheiro de cravo e canela.

Enquanto Skarlete falava sobre comprar enxoval para o bebê, eu estava perdida nas minhas emoções.

Eu já sinto o bebê, sinto um mistério nisso tudo. Será que a sensação estranha seria o bebê dentro de mim? Ou seriam os deuses com os seus caprichos tentando me alertar do acontecimento que levaria de mim o meu gato da Ásia.

No meio de tantas incertezas, eu sei que ele me amou e eu vou amá-lo para sempre. Jamais vou esquecê-lo. E se amar profundamente faz com que os espíritos dos amantes se reencontrem, eu vou lhe esperar, eu quero lhe encontrar novamente. Rarslan e eu somos um só espírito para sempre.

Carla e Rarslan eternamente.



